

REVISTA DO INSTITUTO DE ARTES

IA ARTE

INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL NAS ARTES: ALIADA, INIMIGA OU APENAS UMA FERRAMENTA?

Como a IA já influencia
a área artística na
visão de docentes do
Instituto de Artes

PERFIS DOS CURSOS DE GRADUAÇÃO

Um panorama dos
projetos pedagógicos
de Artes Cênicas,
Artes Visuais, Dança,
Mídia e Música

ACONTECE NO IA: EVENTOS DE 2024-25

Cobertura de alguns
dos principais eventos
que aconteceram em
2024 e no primeiro
semestre de 2025

ESPAÇO EGRESSO E COMUNIDADE IA

Premiações, projetos,
notícias e pesquisas
de alunos, docentes e
egressos dos cursos
disponíveis no IA

FICHA CATALOGRÁFICA

ÍNDICE

PG. 8 - MATÉRIA DE CAPA

Reportagem sobre a inteligência artificial nas artes. Docentes do Instituto discutem dilemas éticos, impactos criativos, desafios pedagógicos e as oportunidades das tecnologias emergentes.

PG. 18 - ACONTECE NO IA

Destaques da vida cultural e acadêmica do Instituto. Mostras cênicas, festivais, encontros científicos, seminários e eventos de extensão que aproximaram a comunidade do público.

PG. 36 - NOTÍCIAS DO INSTITUTO

Registros institucionais que marcam a trajetória recente do IA: inaugurações, convênios, homenagens e novas iniciativas de acolhimento.

PG. 42 - COMUNIDADE IA

Reconhecimento e projeção: premiações de docentes, colaborações internacionais, projetos inovadores e homenagens que reforçam a relevância do IA no cenário acadêmico e artístico.

PG. 48 - GRADUAÇÃO

Perfis dos cursos de Artes Cênicas, Artes Visuais, Dança, Midialogia e Música. Um mergulho nos projetos pedagógicos, nas rotinas acadêmicas e nos diferenciais que preparam os estudantes para a criação artística e a reflexão crítica.

PG. 58 - OPORTUNIDADES

Seção dedicada a explorar oportunidades oferecidas no ambiente da Unicamp para discentes, docentes e funcionários do IA.

PG. 60 - ESPAÇO EGRESSO

Trajetórias de ex-alunos que seguem contribuindo para o campo artístico e cultural, além de pesquisas e projetos que conectam a rede de egressos à comunidade do IA.

PG. 66 - PÓS-GRADUAÇÃO

Apresentação dos programas de mestrado e doutorado em Artes da Cena, Artes Visuais, Multimeios e Música. Relatos sobre pesquisas, internacionalização, inclusão, produção artística e os desafios da formação avançada em artes.



INSTITUTO DE ARTES DA UNICAMP

Diretor

Prof. Dr. Fernando Augusto de Almeida Hashimoto
Diretor Associado
Prof. Dr. Maurício Martins Farina

Assessoria da Diretoria

Margareth do Carmo Vieira Junqueira
Coordenadora Técnica de Unidade

Luis Carlos de Lira Feitoza
Secretário

REVISTA IARTE

Produção editorial

Seção de Programação Visual e Comunicação (PROVCOM) do Instituto de Artes da Unicamp.

Coordenação

Vagner Barrichelo

Editor-chefe

Luis Massao

Reportagem e edição

Luis Massao

Fotorrepórteres

Álvaro Bernardi, João Megale, Luis Massao, Murillo Jaime, Rafaelle Machado e Vagner Barrichelo

Projeto gráfico e diagramação

Murillo Jaime, Rafaelle Machado e Vagner Barrichelo

Periodicidade anual.

Contato: provcom@unicamp.br

Uma revista para ler, refletir e participar

O Instituto de Artes (IA) se consolidou, ao longo de mais de 50 anos de existência, em um local em que criação, pesquisa e didática se retroalimentam mutuamente. O que acontece na unidade não cabe em rótulos: um concerto pode ser também uma atividade de extensão; uma mostra, um experimento; um artigo, um gesto de curadoria; uma pesquisa, um disparador de transformações. Nesse contexto, a revista IARTE surge para compartilhar esse movimento, levando um pouco do que acontece na unidade para públicos diversos — dentro e fora do campus da Unicamp.

Desde a sua concepção, este projeto foi pensado como ponte com a sociedade. A ideia é falar com quem faz parte do IA — discentes, docentes, pesquisadores, funcionários, grupos artísticos — e com quem (ainda) não faz, sejam apreciadores de arte, profissionais da cultura, estudantes, parceiros ou quem simplesmente é movido por curiosidade e desejo de aprender.

É nessa fronteira que a revista se afirma como uma ferramenta de extensão universitária: compartilhando conhecimento, abrindo processos, mapeando oportunidades de participação e criando pontos de contato para que o IA dialogue com o território, com o setor cultural e com a vida das pessoas.

E, claro, nada disso existe sem a comunidade do Instituto. Um dos objetivos é reconhecer o trabalho de quem faz o IA acontecer — quem pesquisa, compõe, interpreta, dança, escreve, monta, projeta, desenha, ensina, produz, orienta, avalia, cuida, auxilia e acolhe. Cada edição celebrará essa autoria coletiva, com espaço para as diferentes vozes e caminhos de criação, da iniciação científica à pós-graduação, das ações de extensão

às produções profissionais, dos projetos emergentes às trajetórias consolidadas e às parcerias institucionais.

Antes de partir para a leitura, algumas informações: a IARTE é uma revista anual, que engloba as atividades realizadas entre julho de um ano e junho do ano seguinte (esta primeira edição, no entanto, é uma exceção, pois engloba eventos e atividades também do primeiro semestre de 2024).

Nesta primeira edição, teremos oito editorias: Matéria de Capa, Acontece no IA, Notícias do Instituto, Comunidade IA, Graduação, Oportunidades, Espaço Egresso e Pós-Graduação. Você pode conferir o detalhamento delas no índice, mas a ideia é que dentro dessas divisões seja possível abordar os principais destaques do IA e da comunidade no período, debatendo ainda temas atuais na visão de docentes e pesquisadores do Instituto.

Manteremos, ainda, de forma permanente, um canal de escuta para sugestões de pauta, relatos de experiências e propostas de colaboração — porque esta revista só faz sentido se cocriada com quem a lê. Portanto, sinta-se à vontade para escrever para provcom@unicamp.br.

Caso já faça parte da comunidade do IA, a publicação é uma oportunidade para revisitar eventos, ver rostos conhecidos e de se orgulhar de integrar o Instituto. Se chegou até aqui por curiosidade, acaso ou interesse por arte e cultura, este é um convite: circule pelos textos, anote nomes, visite eventos, compartilhe e escreva para nosso canal de comunicação. A IARTE existe para ampliar conversas, construir pontes e fortalecer o papel social da universidade por meio da arte.

BOA LEITURA!



IAE NÚ



10.490m²

é a área construída
do Instituto de Artes

141.670

obras e documentos integram o
acervo da biblioteca da unidade



90

docentes fazem
parte do Instituto

77

servidores não docentes
integram a unidade

400

alunos ingressaram em
algum dos 24 cursos de
extensão do IA

9

exposições integraram a
programação da Galeria do
Instituto de Artes (GAIA)



EM MEROS

1.060

alunos da graduação
matriculados

284

pesquisadores matriculados
na pós-graduação

94

concluíram seus estudos
de pós-graduação em
2024



186

alunos de graduação
ingressaram em 2024

199

completaram sua
graduação no ano

1,9%

é a evasão de
ingressantes

4,34%

é a evasão de
matriculados

Ambas estão entre as mais
baixas de toda a universidade

Todos os dados têm como base o ano de 2024.
Fonte: Anuário Estatístico Unicamp – 2025

A person is shown in profile, wearing a VR headset with a glowing red light on the side. They are also wearing a hand-mounted device on their right hand, which is extended forward. The background is dark and blue-toned, suggesting a virtual or digital environment.

A inteligência artificial nas artes:

Aliada, inimiga ou ferramenta de criação?

A inteligência artificial (IA) deixou de ser uma abstração futurista e passou a integrar o cotidiano das pessoas inclusive no campo da criação artística. Ferramentas como ChatGPT, DALL-E, Midjourney e Sora já estão sendo utilizadas para produzir textos, imagens, sons, vídeos e interfaces interativas, muitas vezes indistinguíveis das criações humanas.

Apenas para contextualizar a rapidez e penetração da tecnologia na sociedade, um relatório do *McKinsey Global Institute* estimou que a IA generativa pode impactar até **30% das horas trabalhadas até 2030**.

No campo das artes, o cenário é complexo. A IA oferece novas possibilidades estéticas, desafia a noção tradicional de autoria, reorganiza os fluxos de produção e impõe dilemas éticos e econômicos. Tudo parece inconclusivo e desafiador, ainda mais ao levarmos em conta as sutilezas das criações artísticas e as especificidades de cada área que integra o *Instituto de Artes*.

ARTES VISUAIS: TECNOLOGIA A FAVOR DA EXPRESSÃO

Na área de Artes Visuais, por exemplo, a IA foi tema do *Fórum Permanente – Inteligência Artificial e Artes Visuais: relações, perspectivas e conflitos*, coordenado pelo Prof. Dr. Edson do Prado Pfutzenreuter, docente do Departamento de Artes Visuais do Instituto de Artes.

Após uma série de debates com colegas e apresentações do fórum, ele propõe uma abordagem crítica, reflexiva e aberta ao potencial criativo da tecnologia. Para o docente, as questões passam desde a própria denominação de IA, que, em sua opinião, não é necessariamente uma inteligência, mas uma tecnologia. **“Um conceito antigo do Pierre Lévy (filósofo francês, que pesquisou sobre cibercultura), mas que foi retomado atualmente, é de que a inteligência depende da intencionalidade, que prescinde de necessidade. Não podemos dizer que a IA tem uma intencionalidade”**, explica Pfutzenreuter, lembrando que, mesmo que muitas das ferramentas estejam sendo disponibilizadas de forma gratuita, elas são produzidas por grandes corporações que têm como objetivo principal o lucro. **“Os interesses financeiros são imensos”**, completa.

Apesar do alerta, o docente afirma que é possível fazer uso da IA na criação artística. **“As questões tecnológicas sempre trazem uma mudança na forma de expressão e as formas de expressão também acabam levando a mudanças tecnológicas. Além disso, você explora novas possibilidades de uso de técnicas e objetos”**, conta.

Foto: João Megale/IA/Unicamp

Prof. Dr. Edson
do Prado
Pfutzenreuter

Dentro da linha de explorar a IA como uma ferramenta utilitária, artistas têm utilizado plataformas como **Midjourney**, **DALL·E** e **Stable Diffusion** para gerar composições, paletas cromáticas, personagens e cenas que servem como esboços ou pontos de partida para obras em pintura, ilustração e design gráfico. Assim, a criação pode dialogar com um banco de dados alimentado por milhões de imagens. O docente lembra também que é possível abastecer uma IA com um banco de dados próprio para trabalhar em projetos específicos – algo que pode funcionar muito bem no processo criativo de Artes Visuais.

No entanto, a depender da interferência da IA na obra, pode-se entrar em uma das grandes discussões da intersecção entre arte e tecnologia generativa: a autoria. Em 2022, o artista americano *Jason Allen*, por exemplo, venceu um concurso de arte digital com uma imagem gerada por IA, provocando polêmica – a agência de direitos autorais dos *Estados Unidos (USCO)* recusou o registro em nome do artista por conta de a obra ter sido criada com uso de IA generativa sem que fosse possível distinguir o que havia sido criado pela máquina e o que havia sido produzido por *Allen*.

EM 2022, AGÊNCIA DE DIREITOS AUTORAIS DOS EUA NEGOU REGISTRO DE OBRA PRODUZIDA COM O USO DE IA

A discussão chegou rapidamente à academia com questões como: quem é o autor de uma obra criada a partir de prompts? O programador do algoritmo? Quem abasteceu o banco de dados e educou a ferramenta? O artista que definiu os comandos? Ou os autores das imagens utilizadas para treinar o sistema?

Até por ser uma tecnologia disruptiva e com ganho rápido de popularidade, Pfitzenreuter ressalta que o uso da IA exige responsabilidade.

“Trabalhar com IA exige reflexão crítica. É fundamental pensar que escolhas estão por trás do uso da ferramenta”, afirma.

Isso implica reconhecer os filtros aplicados, as imagens de referência envolvidas e as ideologias embutidas nos próprios sistemas.

Além da autoria e do uso não autorizado de imagens e referências de terceiros, vale destacar que um estudo publicado pela *MIT Technology Review* apontou que modelos generativos de imagem por IA tendem a reforçar estereótipos e

Foto: Jason Allen



representações visuais dominantes, ignorando diversidade racial, cultural e estética — o que vai contra qualquer política decolonial e acaba por sufocar vozes marginalizadas.

Além disso, há riscos sociais e econômicos com o uso dessas tecnologias. Em países como Coreia do Sul e Japão, sindicatos de artistas têm pressionado por regulamentações que garantam os direitos de imagem e autoria frente à proliferação de conteúdos criados por IA.

Apesar dos riscos, o professor não enxerga a IA como inimiga, reforçando que ela pode ser usada para potencializar processos criativos, não para substituí-los.

Para isso, é necessário compreender o funcionamento dos algoritmos e dominar as ferramentas — sem perder de vista o conteúdo e o discurso artístico. **“Devemos questionar como faremos para não ser funcionário da Inteligência Artificial e para colocá-la para auxiliar em nossos projetos”**, questiona, lembrando que a autonomia das decisões deve sempre recair sobre o artista.



Obra Théâtre
D'opéra Spatial,
de Jason Allen

O Prof. Dr. Diogo Angeli, ligado ao Programa de Pós-Graduação em Artes da Cena, concorda: **“a IA não pode substituir a complexidade do processo artístico”**. Ainda que o teatro e a dança sejam linguagens predominantemente corporais, marcadas pela presença viva do performer, experiências artísticas com IA têm crescido ao redor do mundo. Em espetáculos imersivos, como *AI: When a Robot Writes a Play*, da Švanda Theatre, em Praga (República Tcheca), o roteiro foi inteiramente gerado por IA e interpretado por atores humanos, provocando reações contraditórias de público e crítica.

Já na dança, movimentos e coreografias geradas por sistemas de IA têm sido usados como disparadores para processos de improvisação e criação em grupo. Segundo Angeli, o uso da tecnologia pode abrir caminho para um tipo de arte computacional. **“Significa que ela não vem para substituir o artista, mas para potencializar novas criações, com artistas e ferramentas de IA trabalhando juntos. E embora seja muito difícil prever como será no futuro, a presença dos seres humanos continuará necessária”**, explica o docente.

As possibilidades criativas, de fato, são amplas. Softwares de IA podem ajudar na criação de luzes e sons dinâmicos durante apresentações ao vivo, gerar roteiros baseados em estruturas narrativas pré-estabelecidas ou sugerir diálogos e movimentos a partir de bancos de dados de performances anteriores. Em ambientes de improvisação, a IA pode atuar como parceira cênica, reagindo em tempo real aos estímulos dos intérpretes. Em processos pedagógicos, pode servir como ferramenta de análise corporal ou de reconstrução de cenas.

“Já é possível, por exemplo, usar ferramentas como modelagem 3D e avatares digitais para estudar movimentos antes de levar a criação para o palco”, completa.

Como exemplo, ele cita o grupo Os Satyros, que utiliza ferramentas de IA para desenvolver uma peça sem atores no palco, em que a narrativa é conduzida por avatares interativos, manipulados em tempo real por um dos atores (fora de cena) e por especialista em IA generativa. **“Eles apresentam soluções interessantes de estética e poética no campo das artes cênicas com uso da IA.”**

Foto: João Megale/IA/Unicamp



A IA NÃO pode substituir a complexidade do processo artístico

CONCORDA O PROF. DR. DIOGO ANGELI, DO DEPARTAMENTO DE DANÇA

“Peça para salvar o mundo”, do grupo Os Satyros

Foto: Divulgação/Satyros

Mas há riscos evidentes segundo o docente. “A IA é treinada com dados. Se esses dados são tendenciosos, as respostas serão enviesadas”, lembra. Ele também se mostra preocupado com debates sobre substituição de mão de obra em algumas áreas e direitos autorais. **“Ainda não há um consenso sobre os direitos de uma obra. Não há resoluções no Brasil e as propostas no exterior também divergem de acordo com o país”**, cita.

No plano econômico, por sinal, a substituição de roteiristas, iluminadores ou sonoplastas por sistemas automatizados também preocupa. Um estudo da UNESCO aponta que áreas criativas consideradas **“técnicas”** — como edição de som, design de iluminação ou roteirização básica — são as mais vulneráveis à automação pela IA, com impacto direto sobre postos de trabalho em festivais, centros culturais e produções independentes.

Apesar disso, Angeli reconhece que o uso da IA deve continuar crescendo em diversas atividades. **“Temos que entender como lidar com o novo cenário e não ter medo desse novo lugar”**, diz.

MIDIALOGIA/MULTIMEIOS: ATENÇÃO COM A MODELAGEM DE COMPORTAMENTOS

Na intersecção entre arte, tecnologia e comunicação, os experimentos com IA na área de Multimeios têm provocado reflexões sobre escuta, presença e interatividade. **“Um dos pontos que mais se destacam atualmente é a identificação de vieses. O processo de aprendizado de máquina pode desencadear processos de exclusão e reforçar preconceitos já estruturados na nossa sociedade”**, analisa a Profa. Dra. Denise Rodrigues.

Foto: Luís Massao/IA/Unicamp



Profa. Dra. Denise Rodrigues

Isso porque o treinamento das inteligências artificiais é baseado em dados que ela recebe, trata e entrega respostas de acordo com o pedido do usuário. Não há raciocínio crítico nem análise sobre o impacto do que é inserido na máquina. Além disso, no campo da Comunicação, é muito difícil não lembrar da *Teoria dos Efeitos Limitados*, que atesta que os receptores da mensagem têm a tendência em acreditar em notícias ou informações que apenas reforçam suas crenças já existentes.

Nesse cenário, a docente defende que a formação acadêmica contemporânea exige um novo tipo de letramento tecnológico. **“É essencial que estejamos no controle dessa ferramenta, conhecendo alguns dos processos, o que é algoritmo e funcionamento dos prompts”**, afirma, lembrando que **“há um risco de modelar comportamentos e ditar tendências de consumo, sem que as pessoas percebam que estão sendo envolvidas por essa influência”**.

É claro que, com olhar crítico e análise criteriosa, é possível o uso de IA na área do audiovisual. **“Acredito que é possível utilizar sim, mas com cautela e conhecimento mínimo de como funcionam essas ferramentas. Temos que ter em mente os riscos, inclusive sobre privacidade e direitos autorais”**, diz. **“Hoje, eu não teria total tranquilidade de acrescentar um trabalho inédito em uma IA para revisão de texto, por exemplo.”**

Apesar do alerta, a docente reconhece a rápida evolução da qualidade das produções e principalmente do aumento rápido e exponencial da IA na área audiovisual. Opções, aliás, não faltam: ferramentas de criação com prompts em linguagem natural, como *ChatGPT*, *Gemini* ou *DeepSeek* podem ajudar na elaboração de roteiros, enquanto a narração pode ser feita com aplicativos, como *ElevenLabs* ou o *Murf AI*, sendo possível até inserir um avatar humanizado com ferramentas como o *Synthesia*. Caso queira produzir a obra audiovisual inteira sem usar uma única câmera, o *RunwayML* pode ser uma opção.

MÚSICA: GRANDE UTILIDADE, POUCO SWING

Com longa experiência em tecnologia musical, o *Prof. Dr. Ney Rodrigues Carrasco*, do Departamento de Música, observa com naturalidade o avanço da IA na área, mas alerta para os desafios que a ferramenta impõe ao campo da criação. **“Não sei se um dia ela alcançará o grau de autonomia de um ser humano, mas poderá chegar a um grau de autonomia que seja difícil distinguir se a obra é humana ou não”**, afirma. Segundo ele, esse deslocamento do gesto criativo para a automação exige novas perguntas sobre estilo e o papel do artista. Carrasco observa que a IA, ao ser treinada com grandes volumes de dados, consegue compor peças harmonicamente corretas, estruturalmente coerentes e rítmicas.

**UMA PEÇA PRODUZIDA POR IA
PODE SER EFICIENTE, MAS NÃO
TEM DENSIDADE SIMBÓLICA,
SENTIMENTAL E POÉTICA.**

Mas falta algo essencial: **“Ela não reproduz o swing, o sotaque cultural”**. Em outras palavras, ela não cria nem emociona. Esse ponto, diz ele, é fundamental para entender o limite entre o funcional e o poético. Uma trilha sonora produzida por IA pode ser eficiente, mas dificilmente alcança a densidade simbólica, sentimental e poética de uma criação humana enraizada em experiências reais.

Apesar disso, as aplicações da IA na música são múltiplas — e, muitas vezes, bem-vindas. **“Para levantamento de bibliografia, por exemplo, a IA é excelente. Ela organiza, filtra, agiliza o processo”**, diz Carrasco. No campo da composição, há quem use modelos generativos, como o *Magenta da Google* ou o *AIVA (Artificial Intelligence Virtual Artist)*, para sugerir melodias, variações rítmicas ou harmonias alternativas.

Essas ferramentas podem ser vistas como assistentes criativos, ampliando o repertório do compositor e oferecendo caminhos artísticos.

Outra aplicação é na improvisação interativa. Projetos como o “*AI Duet*” permitem que o músico toque com um sistema que responde em tempo real, criando diálogos sonoros imprevisíveis. Em ambientes acadêmicos e experimentais, a IA vem sendo usada também para análise estilística, identificação de padrões musicais e simulações de estilos históricos — como “*músicas no estilo de Bach*” ou “*jazz nos moldes de Miles Davis*”.

Contudo, à medida que a tecnologia ganha espaço nos estúdios e plataformas de streaming, surgem questões econômicas e éticas.

“A penetração da tecnologia ainda é incipiente, mas já assusta. Muitos estão optando por trilhas feitas por IA em vez de contratar músicos”, aponta Carrasco. Isso afeta especialmente setores como o da publicidade, em que prazos apertados e orçamentos reduzidos favorecem soluções rápidas e automatizadas. **“Nas produções de propagandas de pequenos estabelecimentos comerciais, a IA já ocupa um espaço importante. Para quem depende dessas gravações, é um problema real”,** alerta.

TRILHAS SONORAS PARA PUBLICIDADE SÃO UM MERCADO EM CRESCIMENTO PARA USO DE PEÇAS FEITAS POR IA

O impacto também pode ser sentido na formação dos músicos. A crítica não é ao uso da tecnologia, mas à sua naturalização. O risco, segundo ele, é que artistas passem a confiar cegamente nas sugestões da IA, deixando de lado o processo artesanal da experimentação, da escuta e da construção estética.

Para Carrasco, a presença da IA na música é irreversível, mas deve ser encarada com espírito crítico e criativo. **“A IA nos obriga a olhar para a espécie humana e refletir no que realmente nos diferenciamos”.**

“NÃO SEI SE UM DIA ELA ALCANÇARÁ O GRAU DE AUTONOMIA DE UM SER HUMANO, MAS PODERÁ CHEGAR A UM GRAU DE AUTONOMIA QUE SEJA DIFÍCIL DISTINGUIR SE A OBRA É HUMANA OU NÃO”.

Prof. Dr. Ney
Rodrigues Carrasco



Foto: Luis Massao/IA/Unicamp



O FUTURO CHEGOU

Como atestado por alguns dos docentes da comunidade do Instituto de Artes, a presença da IA na sociedade não é uma hipótese futura, mas uma realidade em expansão e que atravessa todas as linguagens artísticas. Da música à cena, das artes visuais às experiências interativas em multimeios, a IA tem se revelado uma parceira complexa, capaz de ampliar possibilidades criativas, mas também de tensionar valores fundamentais da produção simbólica humana.

Não há dúvidas de que há potencial expressivo e inovador dessas tecnologias — desde a geração de trilhas sonoras por algoritmos até a construção de dramaturgias em diálogo com sistemas inteligentes. A IA pode operar como colaboradora, espelho ou provocadora, abrindo caminhos criativos. Mas essa potência carrega riscos. A dependência excessiva de algoritmos, a homogeneização de repertórios, a perda de empregos criativos e a substituição da escuta sensível por respostas automatizadas estão entre os alertas apontados pelos especialistas. A criação artística, ao ser mediada pela inteligência artificial, corre o risco de se tornar um reflexo de padrões dominantes, se não houver reflexão crítica.

É nesse ponto que o papel das instituições formadoras, como as universidades, se torna essencial. A compreensão técnica deve vir acompanhada de uma ética da criação, capaz de reposicionar o artista como sujeito ativo — e não passivo — na relação com as tecnologias.

Ao final, a arte talvez não precise competir com a IA, mas sim aprender a dialogar com ela. O futuro não está apenas nas máquinas, mas nas escolhas que artistas, instituições e sociedades farão diante delas. O campo criativo continuará sendo território de invenção humana — desde que cultivemos o que nos faz singulares: a escuta, a subjetividade e a dúvida.

INGRESSE NO IA

CURSOS OFERECIDOS:

ARTES CÊNICAS
ARTES VISUAIS
DANÇA
MIDIALOGIA
MÚSICA

Faça sua graduação em uma das três melhores universidades da América Latina*.

As inscrições para o Vestibular Unicamp ocorrem no início do segundo semestre.

Fique atento e venha para o IA!

*Fonte: Centro para Rankings Universitários Mundiais (CWUR)

Conheça o dia a dia do Instituto por meio de nossos canais nas redes sociais e pelo site.



iar.unicamp.br



[@iaunicamp](https://www.instagram.com/iaunicamp)



[iaunicamp.oficial](https://www.facebook.com/iaunicamp.oficial)

VOCÊ PODE SE INFORMAR SOBRE O VESTIBULAR NO SITE DA COMVEST

<https://www.comvest.unicamp.br/>

Projeto Primeira Nota celebra uma década de iniciação musical

Lançado em 2014, o Projeto Primeira Nota, que é fruto da parceria entre o Instituto de Artes da Unicamp e a Secretaria de Educação de Campinas, completou dez anos de atividades em 2024. Criado para oferecer iniciação e formação musical a crianças e adolescentes, o projeto já impactou mais de 3,2 mil alunos entre 6 e 14 anos.

O programa funciona ainda como um laboratório de prática docente para os estudantes de Música da Unicamp, que atuam como estagiários.

Esses futuros educadores aplicam na prática os conhecimentos adquiridos em sala de aula, orientando jovens músicos e promovendo apresentações públicas, essenciais para o desenvolvimento artístico.

Os inscritos têm acesso a instrumentos e participam de eventos musicais e apresentações. Atualmente, 15 alunos com algum tipo de deficiência física ou mental integram as atividades, enriquecendo ainda mais a diversidade do grupo. O curso de graduação em Música já conta com discentes que fizeram sua iniciação musical por meio do Primeira Nota.

Foto: Luis Massao/IA/Unicamp

Projeto contempla apresentações públicas dos alunos



Foto: João Megale/IA/Unicamp

João Bosco e Kilza Setti participaram das apresentações no Auditório do IA.

Oitava edição do FMCB traz Kilza Setti e João Bosco à Unicamp

Nos dias 23 a 25 de maio de 2024, o Instituto de Artes recebeu a 8ª edição do *Festival de Música Contemporânea Brasileira (FMCB)*, que homenageou Kilza Setti e João Bosco. O evento incluiu concertos gratuitos no *Teatro Castro Mendes* e um congresso no Instituto de Artes, com mesas redondas sobre a obra dos artistas, além da estreia de um documentário sobre Kilza Setti.

Segundo Thaís Nicolau, idealizadora do evento, “o FMCB busca dialogar com o público, aproximando performance, criação e pesquisa acadêmica”.

O festival, que completou dez anos em 2024, nasceu da pesquisa de doutorado de Thaís sobre a obra de Edmundo Villani Côrtes e, desde então, promove diálogos fundamentais entre artistas e pesquisadores.

Kilza Setti, reconhecida por seu trabalho com música de câmara e pesquisa da cultura indígena, e João Bosco, ícone da música popular brasileira, participaram ativamente das discussões, destacando os elementos que conectam suas trajetórias musicais.



Foto: João Megale/IA/Unicamp

Palestra com
Marília Scarabello

Artes Visuais é tema de evento de debate de pesquisas e exposição

Em maio e junho de 2024, os alunos do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais (PPGAV) do Instituto de Artes organizaram o III Encontro de Artes Visuais da Unicamp e a exposição Hematose Poética.

O III Encontro de Artes Visuais da Unicamp aconteceu nos dias 22 a 24 de maio, na Casa do Lago e no Laboratório de Imagem e Som (LIS/IA), enquanto a exposição esteve aberta para visita de 18 de maio a 15 de junho, no espaço independente Fêmea Fábrica, em Campinas.

Coordenado pelo Prof. Dr. Cesar Baio, o Encontro contou com nove mesas temáticas,

reunindo 26 pesquisadores para discutir meios artísticos como fotografia, livro de artista e audiovisual.

A programação abriu espaço para reflexões sobre arte, memória e políticas de esquecimento, além de contar com palestras de artistas e pesquisadores convidados como **Marília Scarabello e Allan Yzumizawa**.

Já a exposição **Hematose Poética** apresentou trabalhos de 33 artistas selecionados entre 44 inscrições, destacando a pesquisa prática do PPGAV. Com visita de mais de 500 pessoas, a mostra reforçou o compromisso do programa com a difusão da arte e a interação com a comunidade.

Mostra Cênica de Inverno foca na prática e experimentação na cena teatral

Evento reforça papel da universidade na extensão cultural

De 5 a 27 de junho de 2024, o Departamento de Artes Cênicas da Unicamp promoveu a **Mostra Cênica de Inverno**, um evento que apresenta os experimentos artísticos e acadêmicos desenvolvidos pelos estudantes de graduação. A programação gratuita incluiu apresentações no *Teatro Castro Mendes*, no *Paviartes (Unicamp)* e no *Museu da Imagem e do Som de Campinas (MIS)*.

A mostra é um espaço fundamental de formação para os alunos, permitindo que suas criações dialoguem com as comunidades universitária e regional. Além do aprendizado prático, **o evento reforça o papel da universidade na extensão cultural**, proporcionando trocas entre artistas, professores e espectadores.



Foto: Alvaro Bernardi/IA/Unicamp



Frames das apresentações em vídeo dos inscritos

FIDA 2024 reúne artistas de 40 países

A edição 2024 do Festival Internacional de Dança, Vídeo & Tecnologia da Unicamp (FIDA) teve a Mostra Oficial, com 307 vídeos selecionados, e a Mostra Universitária, com trabalhos acadêmicos de alunos de diversas instituições. ***“A Mostra Universitária teve trabalhos de alunos da Unicamp e de outras universidades, brasileiras e internacionais. As obras foram exibidas na Casa do Lago e em escolas municipais de Campinas”***, explica o Prof. Dr. Diogo Angeli, docente da Unicamp e diretor do festival.

Ele explica que os alunos do IA participaram da curadoria dos materiais e da organização do evento, permitindo que os discentes atuassem em todas as etapas da realização e divulgação de um festival. ***“O evento é associado à disciplina de Dança e Novas Tecnologias e tem, também, um caráter de extensão. Além disso, durante as aulas, eles criaram uma videodança que fez parte da Mostra Universitária”***, explica Angeli.

IA é casa do 1º Congresso Internacional de Viola na América do Sul

No período de 17 a 21 de julho de 2024, o Instituto de Artes sediou a primeira edição sul-americana do Congresso Internacional de Viola. O evento reuniu 160 congressistas de vários países, consolidando-se como uma oportunidade de intercâmbio entre artistas, professores e pesquisadores.

Com 50 recitais, oito oficinas e cinco masterclasses, o congresso teve a presença de alguns dos principais violistas do mundo, como Renato Bandel, Jennifer Stumm, Georgina Isabel Rossi, André Mehmari, Tatjana Mead Chamis e Jutta Puchhammer-Sédillot.

Além das apresentações, foram promovidas discussões sobre pedagogia, pesquisa de repertório e a saúde dos músicos. A exposição de instrumentos e acessórios especializados foi outro destaque, proporcionando contato direto com fabricantes de viola, estudantes, artistas e público.

Segundo o Prof. Dr. Emerson De Biaggi, presidente da Associação Brasileira de Violistas (Abrav), organizadora do evento, e docente do IA, **“O congresso reforça a importância da viola no cenário musical contemporâneo, criando pontes entre a performance e a pesquisa acadêmica”.**

Foto: Alvaro Bernardi/IA/Unicamp

Alguns dos mais relevantes violistas do mundo participaram do Congresso



São Paulo Contemporary Composers Festival (SPCCF) apresenta estreias mundiais

Na semana de 8 a 17 de agosto de 2024, o Instituto de Artes recebeu parte da programação da 5ª edição do *São Paulo Contemporary Composers Festival (SPCCF)*. O evento apresentou mais de 40 estreias mundiais de compositores de diferentes estilos e nacionalidades. O SPCCF teve a sua primeira edição em 2018 e, desde então, só não foi realizado nos anos de 2020 e 2021, por conta da pandemia.

“O objetivo do festival é reunir compositores do mundo inteiro e aproximá-los da comunidade musical e da população locais”, explica o diretor do evento, Diogo Carvalho, que atualmente é docente na Marywood University, nos Estados Unidos.

O diretor do SPCCF também destacou o caráter didático e de vivência proporcionados pelo evento. **“É uma chance de viajar para um outro país ou, se for do Brasil, ir a uma cidade diferente e fazer uma espécie de imersão com outros músicos. É muito bom a gente ter esse tipo de oportunidade”,** finaliza.

Projeto reúne compositores de diversas partes do mundo



Foto: Alvaro Bernardi/IA/Unicamp

XIV Seminário de Pesquisas do PPG Multimeios debate pesquisa em andamento

Nos dias 14, 15 e 16 de agosto de 2024, o Programa de Pós-Graduação em Multimeios do Instituto de Artes realizou a 14ª edição de seu **Seminário de Pesquisas**. O evento, que aconteceu no **Auditório Raízes (DeDH)**, promoveu a integração e o intercâmbio científico entre docentes e discentes, fortalecendo o debate sobre audiovisual, mídia e comunicação.

O seminário é um espaço para a apresentação de pesquisas em andamento, possibilitando trocas acadêmicas. As apresentações foram realizadas por mestrandos, doutorandos e professores doutores, incentivando o diálogo interdisciplinar e ampliando as reflexões sobre os impactos das novas mídias na sociedade contemporânea.



Seminário aconteceu no Auditório Raízes

Foto: Washington Luis / IA / Unicamp

UPA 2024 abre as portas para dezenas de milhares de estudantes do Ensino Médio



UPA recebeu
cerca de
57 mil
estudantes

No dia 17 de agosto de 2024, a Unicamp de Portas Abertas (UPA) recebeu cerca de 57 mil visitantes interessados em conhecer os cursos da universidade. O Instituto de Artes ofereceu uma programação especial, com aulas abertas, apresentações e oficinas interativas voltadas para futuros estudantes. Os cursos de Artes Cênicas, Artes Visuais, Dança, Midialogia e Música promoveram atividades que permitiram um contato direto com as práticas acadêmicas e artísticas.

Entre os destaques estiveram performances, aulas demonstrativas e oficinas criativas, além de apresentações dos coordenadores sobre as especificidades de cada curso. A participação na UPA tem como objetivo a difusão do conhecimento e a aproximação com a comunidade, proporcionando um espaço de troca e descoberta para aqueles que desejam ingressar no ensino superior em um dos cursos oferecidos pelo Instituto.

Foto: Vagner Barrichelo /IA/Unicamp

Seminário Interno de Pesquisas em Artes da Cena aborda “o Modus em Cena”

Entre os dias 9 e 13 de setembro de 2024, o Programa de Pós-Graduação em Artes da Cena realizou a 10ª edição do Seminário Interno de Pesquisas Mario Santana, com o tema *O modus em cena – procedimentos, poéticas e reflexões na pesquisa em artes*. O evento abordou a relação entre teoria e prática na pesquisa artística, promovendo mesas temáticas, apresentações orais, performances e fóruns de comunicação.



Evento ocorreu em setembro de 2024



“O evento vem de uma tradição de trabalhar muito a questão metodológica. Neste seminário, as conversas com a Conep e o CEP servem até para desmistificar essas dificuldades”, destacou a Profa. Dra. Maria Cláudia Alves Guimarães, coordenadora do programa.

O seminário contou ainda com discussões sobre ética na pesquisa, o impacto das avaliações da CAPES e a relação entre inteligência artificial e as Artes da Cena, reforçando a relevância do encontro para a integração entre arte e academia.



Foto: Rafaelle de Souza Dias Machado/IA/Unicamp

Exposição Livros Notáveis

Em setembro de 2024, a Biblioteca de Obras Raras Fausto Castilho da Unicamp (BORA) recebeu a exposição Livros Notáveis, realizada pela BORA, em parceria com o Instituto de Artes, a Pró-Reitoria de Extensão Esporte e Cultura da Unicamp e a Feira SUB. O evento é uma exposição coletiva de livros de artistas e, além de exposição das obras, teve roda de conversa com Amir Brito Cador, Odilon Moraes e Luise Weiss, com mediação de Germana G. de Araújo (UFS).



Evento reuniu obras de artistas de todo o Brasil e da comunidade da Unicamp

Foto: Luis Massao/IA/Unicamp



Exposição aconteceu na BORA

As curadoras, Luise Weiss, Fabiana Grassano e Germana G. de Araújo, selecionaram obras de 80 criadores, entre professores e alunos de graduação e pós-graduação do Instituto de Artes da Unicamp e artistas de diversos lugares do Brasil.



Os docentes do IA, Paulo Ronqui e Mauricy Martin, com Tadeu Taffarello e Fernando Magre, no Auditório do IA

Foto: João Megale/IA/Unicamp

Encontro Damiano Cozzella: um tributo à música coral brasileira

Nos dias 10 e 11 de outubro de 2024, o IA foi palco do I Encontro Damiano Cozzella, uma celebração da vida e obra do maestro, compositor e ex-docente do Instituto. Reconhecido por sua contribuição à música coral brasileira, Cozzella deixou um vasto legado artístico, que foi tema de mesas de debate, concertos e apresentações de pesquisas durante o evento.

O projeto teve, entre seus organizadores, o Paulo Ronqui, docente do IA, Tadeu Taffarello, pesquisador-coordenador do Centro de Integração, Documentação e Difusão Cultural da Unicamp (CIDDIC-CDMC) e do pesquisador Fernando Magre.

O encontro destacou projetos de edição de partituras e divulgação de sua obra, reforçando a importância de preservar e disseminar sua produção musical. Além disso, resultou na doação ao CIDDIC-CDMC de cerca de 70 partituras, que agora estão disponíveis para consulta e pesquisa.

O evento teve a presença de alunos, professores, músicos e pesquisadores de diversas áreas, promovendo diálogos sobre a influência de Cozzella na música brasileira e seu papel como arranjador e pesquisador.

Mostra Cênica de Verão 2024 ocupa diversos espaços culturais em Campinas

Nos dias 29 de outubro a 25 de novembro de 2024, integrantes do Departamento de Artes Cênicas da Unicamp realizaram a Mostra Cênica de Verão, com programação gratuita e apresentações na Unicamp, no SESI Campinas Amoreiras, na Estação Cultura e na Praça José Bonifácio.

O evento é um espaço essencial de formação, permitindo que os alunos compartilhem suas pesquisas cênicas e promovam reflexões sobre múltiplas temáticas junto à comunidade.

Vale destacar que a Mostra, que acontece desde 2010, apresenta produções que possuem caráter pedagógico e que estão sendo apresentadas como resultado parcial do primeiro semestre do curso de Artes Cênicas da Unicamp.

Evento teve
quase um mês
de apresentações



Foto: Alvaro Bernardi/IA/Unicamp

Residência Artística recebe cineasta Laís Bodanzky

À frente, a partir da esq.:
Prof. Dr. Gilberto Alexandre
Sobrinho, Laís Bodanzky e
o Prof. Dr. Christiano Lyra
Filho, coordenador do IdEA



Foto: IDEIA/Divulgação

Entre outubro e novembro de 2024, a cineasta Laís Bodanzky participou do Programa Hilda Hilst do Artista Residente no Instituto de Artes, realizado pelo Instituto de Estudos Avançados da Unicamp (IdEA). Com a proposta *O Cinema em Construção*, Bodanzky promoveu uma série de atividades que incluíram exibições de filmes, oficinas e mesas de debate, abordando seu processo criativo e a produção cinematográfica contemporânea.

A exibição de *Bicho de Sete Cabeças* (2001), seguida de um debate sobre a luta antimanicomial, foi o ponto alto da programação, gerando reflexões sobre saúde mental e representação no cinema. Além disso, Bodanzky interagiu com alunos do curso de Midialogia, compartilhando experiências e incentivando a criação coletiva.

A residência reforçou o papel do Instituto de Artes como espaço de troca e diálogo entre a prática artística e a pesquisa acadêmica, enriquecendo a formação dos alunos e ampliando as perspectivas sobre o cinema brasileiro.

Performa Clavis 2024: o universo dos instrumentos de teclado

Em meados de dezembro, nos dias 11 a 13 de 2024, o Instituto de Artes sediou a 8ª edição do Performa Clavis, um dos principais eventos dedicados aos instrumentos de teclado no Brasil. Idealizado pelo professor Edmundo Hora, da Unicamp, em 2010, o simpósio é fruto de uma colaboração entre os Programas de Pós-Graduação em Música das três universidades paulistas: USP, Unesp e Unicamp.

“Quando pensamos em instrumentos de teclado hoje, a primeira imagem que vem à cabeça é a do piano, mas há uma boa variedade de instrumentos, como o órgão de tubo, a espineta, o cravo, o clavicórdio e o fortepiano, todos históricos e que têm sido cada vez mais recuperados, tanto em termos de instrumentos originais ou réplicas, quanto seus repertórios”, explica o Prof. Dr. Alexandre Zamith, do Departamento de Música da Unicamp.

Segundo Zamith, o simpósio tem o objetivo de congregar atividades artísticas, de pesquisa e pedagógicas.

“Temos concertos, comunicações, palestras, mesas redondas, masterclasses e oficinas”, diz ele, lembrando ainda que o evento contou com a exibição e disponibilidade de diversos instrumentos de teclado. **“No Auditório do IA, por exemplo, durante essa edição, havia cravo, fortepiano, piano moderno e as atividades aconteceram nesses instrumentos”,** completa.



Evento teve
masterclass de
Luiz Ascot

Foto: João Megale/IA/Unicamp

Simpósio apresenta temas contemporâneos da comunidade artística

O XIV Simpósio Reflexões Cênicas Contemporâneas 2025 aconteceu nos dias 17 a 21 de fevereiro de 2025. O evento faz parte da Jornada Internacional Atuação e Presença, que acontece desde 2012 e aglutina vários eventos práticos e teóricos organizados pelo núcleo no mês de fevereiro: o Simpósio Internacional Reflexões da Cena Contemporânea, os Cursos de Fevereiro e o Terra Lume.

O simpósio busca debater temas contemporâneos recorrentes da comunidade artística, que podem ser problematizados em um formato dinâmico de reflexão, visando organizar planos de produção de conhecimento que vão além das estratificações existentes. O evento é organizado anualmente pelo Lume Teatro e pelo Programa de Pós-Graduação em Artes da Cena do Instituto de Artes da Unicamp (PPGADC).



Evento aconteceu de 17 a 21 de fevereiro de 2025

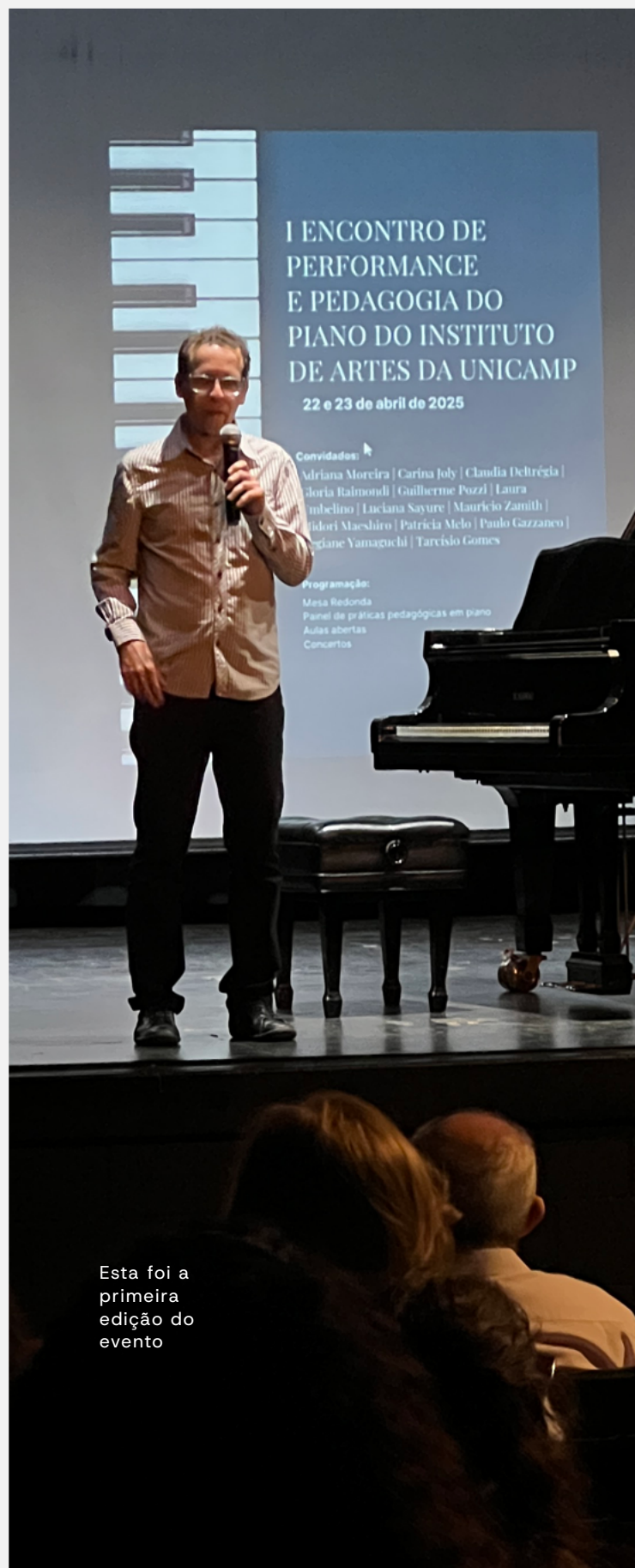
Foto: João Megale/IA/Unicamp

Encontro foca no ensino e na prática do piano

Nos dias 22 e 23 de abril de 2025, o Instituto de Artes (IA) da Unicamp promoveu o 1º Encontro de Performance e Pedagogia do Piano. Com dois dias de atividades gratuitas e abertas ao público, o evento reuniu pianistas, educadores e estudantes em uma programação voltada ao ensino e à prática do instrumento, com aulas abertas, mesas redondas, painéis e concertos.

Organizado pelo Laboratório de Piano do IA, sob coordenação dos Profs. Drs. Mauricy Martin e Alexandre Zamith, o encontro também celebrou os 40 anos de Unicamp de Martin com dois concertos especiais.

Foto: Álvaro Bernardi/IA/Unicamp



Esta foi a primeira edição do evento

Unimídia 16: debates sobre comunicação em audiovisual e novas mídias

Foto: João Megale/IA/Unicamp



Em junho de 2025, nos dias 2 a 6, foi realizada a 16ª edição do Unimídia, evento que promove debates sobre comunicação, audiovisual e novas mídias. A programação reuniu estudantes, pesquisadores e profissionais do setor em mesas-redondas, oficinas e mostras de produções acadêmicas. Nesta edição, o evento também celebrou os 21 anos do curso de Midialogia, destacando sua trajetória e impacto na pesquisa e na indústria criativa.

Oficinas práticas permitiram aos alunos explorarem novas linguagens audiovisuais, enquanto as mesas de debate abordaram temas como inteligência artificial, mercado de trabalho e produção independente.

Unimídia 16
celebrou os 21
anos do curso de
Midialogia

Comunidade agora conta com Espaço de Acolhimento

Desde 18 de setembro de 2024, a comunidade do Instituto de Artes conta com um Espaço de Acolhimento, uma iniciativa voltada para o suporte emocional, orientação institucional e promoção do bem-estar entre docentes, discentes e funcionários. O projeto faz parte da rede de Espaços de Acolhimento da Unicamp, que já soma 21 unidades em diferentes institutos, reforçando a política de cuidado e valorização da saúde mental no ambiente acadêmico. A criação do espaço responde a uma demanda crescente por um ambiente de escuta e suporte institucional. **“A universidade tem trabalhado na implementação de uma política de gestão de pessoas, e este é um passo fundamental nesse processo”**, destacou o Prof. Dr. Fernando Hashimoto, diretor do IA.

A implementação reforça o compromisso do Instituto de Artes com a humanização do ambiente acadêmico, criando canais de diálogo e apoio para sua comunidade. A iniciativa se soma a outras ações institucionais voltadas à qualidade de vida, tornando a universidade um espaço mais acolhedor e inclusivo para todos.

COMO É NA PRÁTICA

O projeto tem como objetivo acolher e orientar membros da comunidade do IA que procurarem, de forma voluntária, o espaço para a discussão de quaisquer temas que impactem na vida da pessoa, seja no trabalho ou fora dele.

Os agendamentos podem ser realizados pelo e-mail acolheia@unicamp.br.

Após o contato inicial, o acolhedor avaliará a natureza do problema e poderá indicar possíveis encaminhamentos sobre a questão. Toda a interação é imparcial e sigilosa. A iniciativa visa cultivar um ambiente de respeito mútuo, empatia e compreensão.

Além de oferecer esse suporte, o Espaço de Acolhimento adota uma abordagem preventiva, organizando rodas de conversa, palestras e eventos que visam estimular reflexões sobre relacionamentos, fornecer orientações sobre saúde mental e disseminar informações sobre direitos humanos, entre outros temas relevantes.

Foto: Luis Massao/IA/Unicamp



A partir da esq.: Maria Augusta Pretti Ramalho, responsável pela Câmara de Mediação e Ações Colaborativas da Unicamp, Prof. Dr. Fernando Hashimoto, diretor do IA, e Prof. Dr. Maurícius Farina, diretor-associado do IA

Centro Acadêmico do Instituto de Artes (CAIA) é inaugurado em 2024

Foto: João Megale/IA/Unicamp



Inauguração do CAIA teve a presença do reitor, o Prof. Dr. Antonio José de Almeida Meirelles

Em abril de 2024, foi inaugurado o novo Centro Acadêmico do Instituto de Artes (CAIA), um espaço dedicado à organização estudantil e à promoção de atividades acadêmicas e culturais. Localizado no térreo de um dos novos edifícios do IA, o CAIA representa um avanço na infraestrutura voltada para os alunos.

A cerimônia de entrega contou com a presença do reitor da Unicamp, Prof. Dr. Antonio José de Almeida Meirelles, da vice-reitora, Profa. Dra. Maria Luiza Moretti,

e do diretor do IA, Prof. Dr. Fernando Hashimoto. Representantes do corpo discente também participaram do evento, ressaltando a importância do espaço para a construção de um ambiente acadêmico mais participativo e integrado.

Além do CAIA, o novo prédio abriga empresas juniores, ampliando as possibilidades de atuação prática dos estudantes dentro do Instituto de Artes. A iniciativa reforça o compromisso da Unicamp com o fortalecimento da vida universitária e a valorização do protagonismo estudantil.

Milton Nascimento é o primeiro Doutor Honoris Causa indicado pelo IA

Em cerimônia realizada em sua residência, no Rio de Janeiro (RJ), o músico Milton Nascimento recebeu o primeiro título Honoris Causa da Unicamp outorgado por uma indicação do Instituto de Artes (IA). **“A escolha é emblemática, não só pelo aspecto da contribuição artística, mas da própria história da Unicamp, que tem um passado de protagonismo de valorização da música popular brasileira, tanto que criamos o primeiro curso do país nessa área e que acabou virando um modelo para outras universidades”**, destacou o Prof. Dr. Fernando Hashimoto, diretor do IA.

O reitor da Unicamp, o Prof. Dr. Antonio José de Almeida Meirelles, lembrou a importância da arte para a sociedade e elogiou a indicação do artista para receber o título **“Fico muito orgulhoso pela oportunidade de realizar essa homenagem. A cultura é algo que tem a capacidade de unir as pessoas e Milton Nascimento é capaz de traduzir temas de interesse da humanidade a partir de sua experiência de vida. É uma pessoa que tem a genialidade de falar para todos e ao mesmo tempo de valorizar a cultura local.”**

Além da entrega na casa de Nascimento, a premiação teve solenidade oficial realizada na Unicamp em abril de 2025.

Foto: João Megale/IA/Unicamp





Prof. Dr. Antonio José de Almeida Meirelles (esq.) e Prof. Dr. Fernando Hashimoto

Fico muito orgulhoso pela oportunidade de realizar essa homenagem. A cultura é algo que tem a capacidade de unir as pessoas e Milton Nascimento é capaz de traduzir temas de interesse da humanidade a partir de sua experiência de vida.

É uma pessoa que tem a genialidade de falar para todos e ao mesmo tempo de valorizar a cultura local.

Prof. Dr. Antonio José de Almeida Meirelles,
reitor da Unicamp.

A comissão que elaborou o parecer para a indicação do artista foi presidida pela Profa. Dra. Regina Machado, do Departamento de Música do IA, com participações dos docentes Thaís Nicodemo, também do IA, Thais Nunes, da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), e Paulo Costa, da Universidade Federal da Bahia (UFBA).

O título de Doutor Honoris Causa é a distinção máxima prevista no estatuto da Unicamp e é concedido a pessoas que tenham contribuído, de maneira notável, para o progresso das ciências, das letras ou das artes ou que tenham beneficiado, de forma excepcional, a humanidade.

Convênio disponibiliza acervo para pesquisadores de Artes Visuais

Assinado em 2023, o convênio entre o Instituto de Artes da Unicamp (IA) e o Instituto de Arte Contemporânea (IAC-SP) disponibiliza aos pesquisadores de Artes Visuais do IA uma coleção de documentos relacionados à trajetória e à obra de artistas visuais brasileiros. Com mais de 80 mil itens, o acervo é composto de estudos, cadernos de anotações, projetos, protótipos, fotografias, fotogramas, cartas, documentos pessoais e materiais gráficos, entre outros formatos. O conteúdo conta com informações sobre o processo de criação, a vida dos artistas e suas relações com os movimentos artísticos em diferentes períodos.

Em dezembro de 2024, a edição 53 da Revista Manuscrita, publicação da Associação dos Pesquisadores em Crítica Genética (APCG), apresentou duas resenhas de obras impressas deste acervo. A produção das resenhas foi coordenada pela Profa. Dra Sylvia Helena Furegatti e pelo Prof. Dr. Edson Pfutzenreuter e envolveu pesquisadores de mestrado e doutorado em Artes Visuais. O processo ocorreu na disciplina obrigatória do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais (PPGAV), intitulada AV 123 – Métodos e Técnicas de Pesquisa, ministrada por Pfutzenreuter, no primeiro semestre de 2024.

Os trabalhos foram analisados por uma comissão formada por Furegatti, Pfutzenreuter e pelo Prof. Dr. Cesar Baio.

As resenhas também foram publicadas nas revistas *Arte: Lugar: Cidade* (UFF; Unicamp; UnB e USP-São Carlos) e *Estado da Arte* (UFU). Além disso, outros periódicos nacionais estão sendo contatados e podem integrar a lista das próximas produções.



Profa. Dra. Sylvia
Helena Furegatti
no lançamento da
parceria no IA

Foto: João Megale/IA/Unicamp

PÓS-GRADUAÇÃO ARTES | UNICAMP

PESQUISA TÉCNICA, TEÓRICA E ARTÍSTICA A FAVOR DA CIÊNCIA

ÁREAS DE PESQUISA

- Artes da Cena
- Artes Visuais
- Multimeios
- Música

VISTE AS PÁGINAS DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO E CONHEÇA AS LINHAS DE PESQUISA

<https://www.iar.unicamp.br/>

[illegible][illegible]

- The image is a vibrant collage representing the diverse fields of research in the PÓS-GRADUAÇÃO ARTES | UNICAMP program. It features several distinct scenes: a man playing a piano; people in large, light-colored suits with bright purple socks performing on a green stage; a painting of a person in a red suit floating in water; a man playing a trumpet; two women wearing clown noses and colorful costumes; a group of dancers in dark clothing in a dynamic pose; two men in white lab coats and masks sitting at a table; abstract paintings on a wall; a classroom setting with students seated and a teacher at the front; and a dance performance on a wooden floor with an audience seated on the side.
- # PÓS-GRADUAÇÃO ARTES | UNICAMP
- PESQUISA TÉCNICA, TEÓRICA E ARTÍSTICA A FAVOR DA CIÊNCIA
- ## ÁREAS DE PESQUISA
- Artes da Cena
 - Artes Visuais
 - Multimeios
 - Música
- VISTE AS PÁGINAS DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO E CONHEÇA AS LINHAS DE PESQUISA
- <https://www.iar.unicamp.br/>

[illegible][illegible]

Obra de professora do IA vence prêmio da ABCA

Foto: Cedida

A Profa. Dra. Maria de Fátima Morethy Couto, docente do IA, venceu o Prêmio Sergio Milliet 2023, organizado pela Associação Brasileira de Críticos de Arte (ABCA), com o livro *A Bienal de São Paulo e a América Latina: Trânsitos e Tensões (1950–1970)*. A publicação também foi semifinalista do Prêmio Jabuti Acadêmico.

O livro, publicado pela Editora Unicamp, analisa a importância e a repercussão da introdução da Bienal de São Paulo no circuito artístico da América do Sul nas décadas de 1950 e 1960. A primeira edição da mostra foi realizada em 1951 e, nos anos seguintes, o evento cresceu, chegando a receber quase mil artistas no final dos anos 1960.

A obra relata que as primeiras bienais realizadas no país propiciaram o fortalecimento de intercâmbios regionais nos anos 1960, bem como impulsionaram a criação de novas mostras de arte contemporânea em diferentes países vizinhos, ao fornecer um modelo bem-sucedido de aliança cultural-empresarial e de grande ganho simbólico.

O recorte temporal escolhido para a obra tem relação com o trabalho de pesquisa da docente. **“Meus trabalhos de pesquisa e orientação abordam o período desde o modernismo brasileiro nos anos 1920 até os anos 1970. Os meus alunos e as pessoas que me procuram já sabem que o meu interesse como pesquisadora diz respeito às manifestações artísticas desse recorte. O livro é o resultado de um interesse maior pelo tema”**, afirma.



Profa. Dra.
Maria de Fátima
Morethy Couto

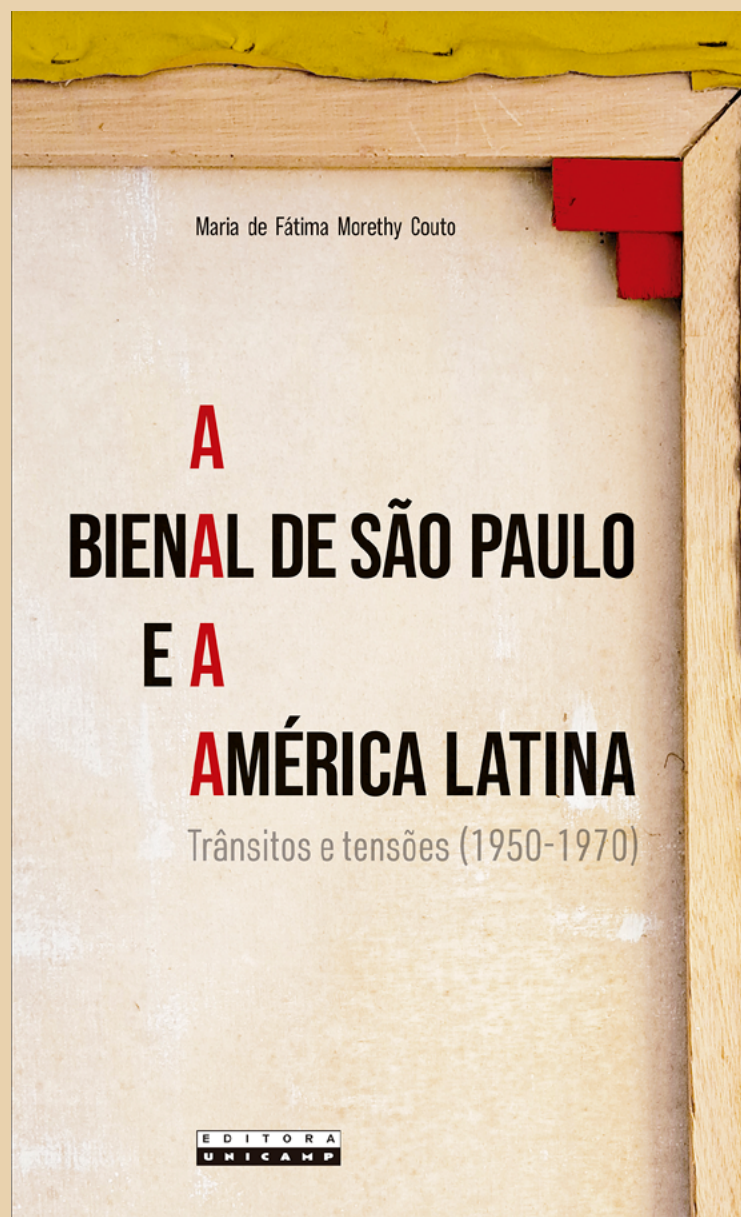
Segundo ela, o interesse sobre as bienais surgiu quando o assunto foi objeto de estudo em sua Bolsa de Produtividade em Pesquisa, do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Por meio do projeto, ela pôde investigar os impactos que os eventos de arte causaram em diferentes cidades, não só do Brasil, mas de países da América do Sul.

Profa. Dra. Maria de Fátima Morethy Couto ganhou o Prêmio Sergio Milliet 2023, com o livro *A Bienal de São Paulo e a América Latina: Trânsitos e Tensões (1950-1970)*. A publicação também foi semifinalista do Prêmio Jabuti Acadêmico.

“É um trabalho que depende de uma pesquisa longa. A bolsa me permitiu ir para o exterior para visitar arquivos e bibliotecas que possuem um acervo que não está disponível online. E você vai juntando as peças, fazendo algumas conexões e criando relações. Identifica situações similares em países vizinhos e percebe que a relação entre eles no campo da cultura, às vezes, é muito atravessada de polêmicas ou de disputas por um lugar proeminente no debate continental”, analisa.

Apesar do sucesso das primeiras bienais de arte no Brasil, o modelo de exposição mostrou esgotamento na década de 1970, chegando a exibir pouco mais de 300 obras em 1979 (alguns anos após a morte de seu fundador, Ciccillo Matarazzo), enquanto em 1961, por exemplo, o acervo reuniu quase 5 mil peças.

“Houve esse desgaste na década de 1970, mas as bienais voltaram com muita força nos anos 1990. Eu acho que nada substitui o encontro com a obra e com o trabalho. O contato com a obra de arte ainda é fundamental. Pessoalmente, a cor muda, você pode conferir o tamanho, verificar a textura e detalhes, e sentir o impacto que a obra pode produzir”, afirma a docente.



Este é o segundo livro autoral de Morethy Couto – ela escreveu também *Por Uma Vanguarda Nacional. A Crítica Brasileira em Busca de uma Identidade*, publicado em 2004 e no qual analisa a crítica artística no período entre os anos 1940 e 1960, época marcada pela introdução da arte abstrata no Brasil e a busca de uma identidade nacional, e a consequente retomada da figuração.

Projeto de docente é tema de cooperação acadêmica internacional



Prof. Dra. Diana
Alves e Prof. Dra.
Rachel Zuanon Dias

Foto: João Megale/IA/Unicamp

Em linha com a política de internacionalização da Unicamp, a Profa. Dra. Rachel Zuanon, do Departamento de Artes Visuais do Instituto de Artes, participou de um período de colaboração acadêmica com docentes da Universidade do Porto, no âmbito do Edital DERI 44/2024 de Redes de Pesquisa Internacionais.

Rachel apresentou aos colegas portugueses o projeto *Embrace*, uma obra sensorial e homeodinâmica com foco na promoção da saúde e bem-estar físico e mental. Concebida pelo Grupo de Arte, Arquitetura e Design Homeodinâmicos (GAADH/DASMind), *Embrace* combina arquitetura, interfaces vestíveis e estímulos multissensoriais, como sons, aromas e luzes, para proporcionar uma experiência estética e poética voltada à regulação metabólica e mental. **“A obra foi pensada para criar uma sensação de acolhimento e promover equilíbrio físico, mental e ecossistêmico. Ela respeita o tempo e a necessidade de cada indivíduo, permitindo que cada interação seja única e pessoal”** explica Rachel.

A primeira exposição pública de *Embrace* aconteceu no Museu Nacional da República, em Brasília (DF), nos meses de setembro a novembro de 2024. No local, ela foi disponibilizada na galeria em que ocorria a exposição *EmMeio#16*, em espaço aberto e de grande circulação de pessoas. Já em Portugal, foi instalada no prédio da reitoria da Universidade do Porto, com ambiente controlado e sessões privativas.

“As pessoas agendavam horários e ficavam sozinhas em uma sala. Notamos que o tempo de interação com a obra aumentou durante a exposição e, de acordo com os relatos dos usuários, foi possível perceber o impacto positivo na sensação de restauração e recuperação do bem-estar físico e mental dos visitantes”, afirma Rachel

A Profa. Dra. Diana Alves, do Departamento de Psicologia da Universidade do Porto, participou do programa de colaboração internacional e teve a oportunidade de conhecer o ecossistema do Centro de Atenção Integral à Saúde da Mulher (CAISM) – Hospital da Mulher Prof. Dr. José Aristodemo Pinotti. Ela destacou a forma com que médicos, enfermeiros e pesquisadores receberam a iniciativa: **“Os profissionais da saúde brasileiros demonstram uma receptividade incrível às iniciativas que promovem o bem-estar e a qualidade de vida dos pacientes. Essa abertura é um diferencial e reforça a conexão entre saúde, arte e cultura. São áreas que estão em sintonia.”**

Foto: Divulgação



Ao longo de duas semanas em janeiro e fevereiro de 2025, foram realizadas reuniões e visitas técnicas para explorar como Embrace poderia ser adaptada e aplicada em contextos práticos. **“Nossa intenção é instalar a obra no CAISM, adaptando-a às necessidades de diferentes perfis de usuários, como pacientes, acompanhantes e equipes de enfermagem. Queremos oferecer um ambiente que não só acolha, mas que também promova a saúde mental e o bem-estar coletivo”, enfatiza Rachel.**

OBRA SENSORIAL PODE SER ADAPTADA ÀS NECESSIDADES DE DIFERENTES PERFIS DE USUÁRIOS PARA PROMOVER BEM-ESTAR FÍSICO E MENTAL, SEGUNDO A DOCENTE RACHEL ZUANON

Além da aplicação imediata, o projeto visa alcançar uma escala maior, transformando Embrace em um produto replicável em hospitais, escolas e até empresas. Rachel revelou que o próximo passo é refinar o protótipo com base nas interações já realizadas, de forma a expandir seu alcance: **“Nosso objetivo é levar Embrace a diferentes contextos, seja como uma experiência lúdica para a promoção da qualidade de vida ou**

Obra foi pensada para criar uma sensação de acolhimento e promover equilíbrio físico, mental e ecossistêmico



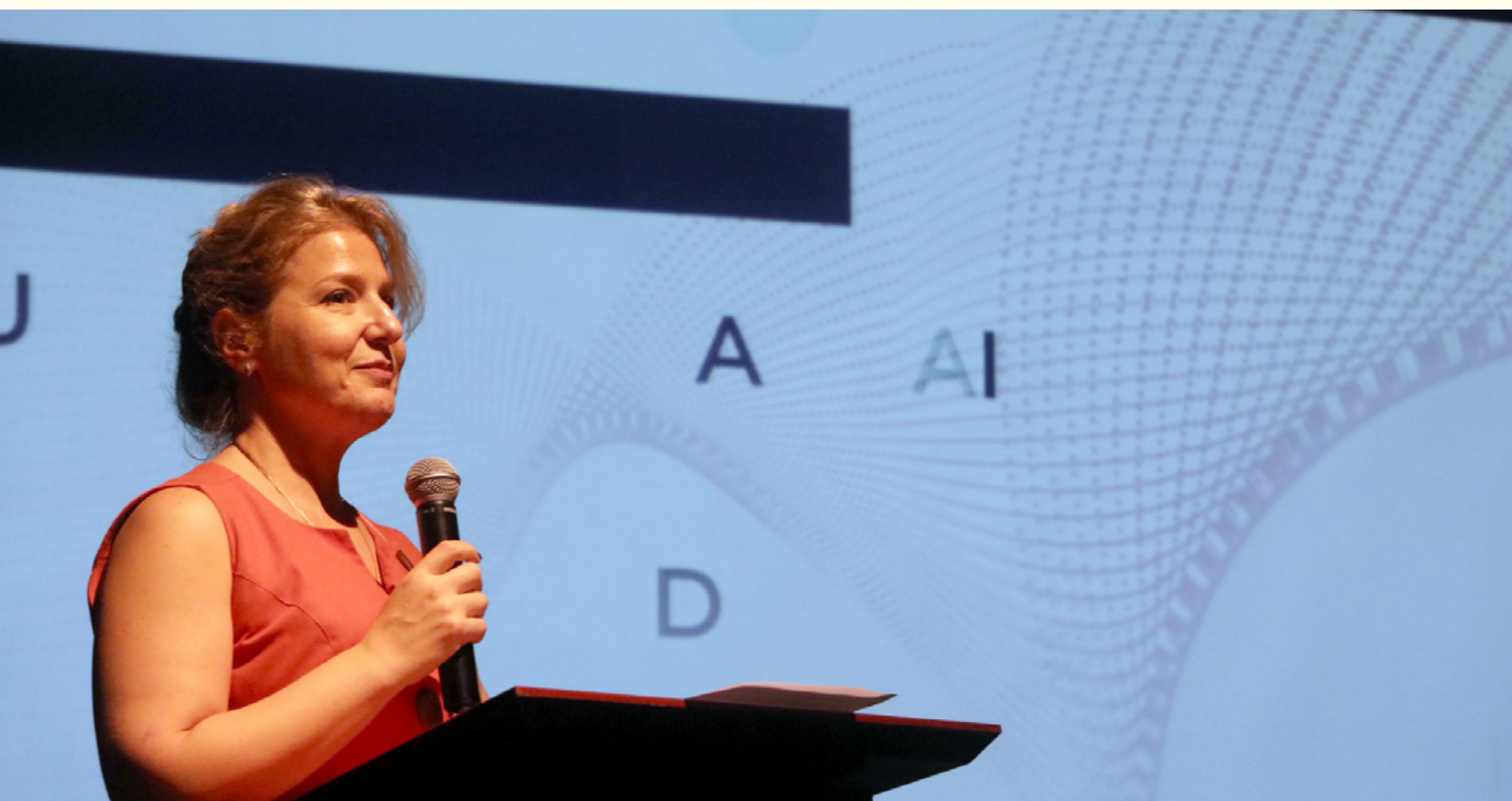
Foto: Arquivo/IA/Unicamp

Prêmios homenageiam professores

A Profa. Dra. Ana Maria Rodrigues Costas (Ana Terra), do Departamento de Dança, a Profa. Dra. Rachel Zuanon Dias, do Departamento de Artes Visuais, e o Prof. Dr. Paulo Adriano Ronqui, do Departamento de Música, foram homenageados na cerimônia de entrega de Prêmios Institucionais 2024 da Unicamp, realizada no dia 13 de dezembro, no Centro de Convenções (CDC).

Ana Terra recebeu o Prêmio de Reconhecimento Acadêmico “Zeferino Vaz”, concedido em reconhecimento da contribuição à instituição e à sociedade pelos membros docentes que mais se destacaram nas atividades de ensino, pesquisa e extensão.

Profa. Dra. Ana Maria
Rodrigues Costas
(Ana Terra)



Profa. Dra. Rachel Zuanon Dias



Prof. Dr. Paulo Ronqui

Rachel foi homenageada com o Prêmio ProEEC de Extensão Universitária, que reconhece a dedicação e contribuição dos docentes da Unicamp para a extensão universitária como interação dialógica e transformadora entre a universidade e os demais setores da sociedade.

Já Ronqui recebeu o Prêmio de Reconhecimento Docente pela Dedicação ao Ensino de Graduação, concedido a docentes que tenham se destacado em atividades pedagógicas de graduação.

Artes Cênicas une pensamento crítico e presença transformadora

O curso de Artes Cênicas da Unicamp vai além da formação técnica para o palco. A faculdade convida seus estudantes a habitar o teatro como espaço de criação, reflexão e presença no mundo. Reformulado em 2022, o currículo é guiado por uma concepção integrada da formação artística, em que a atuação, a dramaturgia, a direção e outros campos do fazer teatral não são trilhas isoladas, mas experiências interligadas.

“O perfil do curso tem uma ideia de proporcionar um espaço de formação para o artista da cena como um todo”, explica a Profa. Dra. Gina Monge Aguilar, coordenadora da graduação. A faculdade busca, por meio de seu Projeto Pedagógico do Curso (PPC), desenvolver o pensamento crítico e o fazer artístico de seus alunos, articulando técnicas corporais e vocais com o mergulho em teorias, histórias e políticas da cena, mesclando teoria e prática durante toda a graduação.

Graduação organiza mostras regulares em que os alunos podem exercitar a prática cênica

Foto: Joao Megale/IA/Unicamp

O projeto pedagógico se estrutura em torno de três grandes eixos formativos: o artista em cena, o artista-sujeito e o artista no mundo. Essa abordagem propõe uma formação voltada a profissionais capazes de atuar criativamente em múltiplos contextos artísticos e sociais.

Além disso, o curso estimula a experimentação da criação colaborativa e a autonomia do estudante em toda a sua formação – a possibilidade de escolha de matérias eletivas, atividades e projetos faz com que os alunos desenvolvam a capacidade de definir o que é mais pertinente para sua formação profissional e acadêmica. Dessa forma, os estudantes são incentivados a explorar todos os campos do fazer teatral, incluindo áreas técnicas, como figurino e iluminação.

Não por acaso, é uma das graduações com menor índice de evasão de toda a universidade. **“Difícilmente a pessoa vai estudar Artes Cênicas obrigada pelos pais”,** comenta a coordenadora. **“Eu acho que quem decide fazer o curso já está em um momento de ruptura e pode ter enfrentado resistências para chegar até aqui, então o índice de desistência é pequeno”,** afirma.

DECOLONIZAÇÃO

Nos últimos anos, em um movimento que tem crescido não só no Instituto de Artes, mas na Unicamp, o curso tem criado políticas de inclusão e ações afirmativas. Com isso, tem havido uma alteração de perfil socioeconômico dos discentes e maior presença de representantes de grupos minoritários. E esse processo tem influenciado o PPC de Artes Cênicas, com ganho de relevância de estudos do teatro latino-americano e do

Foto: Álvaro Bernardi/IA/Unicamp



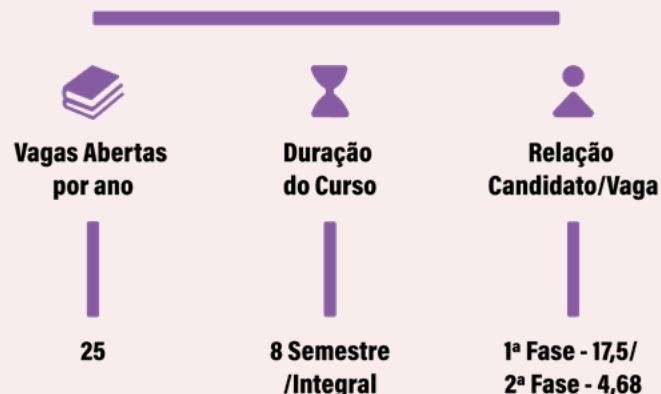
Prof. Dra. Gina Monge Aguilar: curso visa a formação do artista da cena como um todo

teatro negro, por exemplo. **“Já havia um movimento muito forte de valorização da cultura popular brasileira, com a Profa. Dra. Grácia Navarro. Tanto ela, como as Profas. Dras. Verônica Fabrini e Larissa Neves Catalão, já trabalhavam questões decoloniais. Nos últimos anos temos trabalhado também com estudos afrodiaspóricos e de teatro latino-americano e indígena, além de pesquisarmos autores africanos e orientais”,** explica ela, lembrando que, há poucas décadas, os cursos de artes cênicas tinham como foco, quase exclusivo, o teatro ocidental europeu.

MONTAGENS ARTÍSTICAS

Para exercitar na prática a carga teórica desenvolvida, são realizadas diversas montagens cênicas, com destaque para eventos abertos ao público, como a Mostra Cênica de Inverno e a Mostra Cênica de Verão, nas quais os estudantes apresentam parte dos processos criativos desenvolvidos ao longo do curso. **“Todos os semestres há uma disciplina-eixo, como improvisação ou ação cênica, nas quais os estudantes se dividem em grupos e desenvolvem uma cena, participam de festivais universitários no Brasil e até fora do país”,** finaliza.

ARTES CÊNICAS



Alunos participam de exposição na Galeria do Instituto de Artes (GAIA) ao final da graduação

Foto: Luís Massao/IA/Unicamp

Artes Visuais oferece sólida formação acadêmica integrada à prática artística

O Projeto Pedagógico do Curso (PPC) de graduação em Artes Visuais do Instituto de Artes da Unicamp passou pela última atualização em 2018 e uma das diretrizes da reforma foi a de proporcionar a formação de artistas, professores e pesquisadores em um único percurso acadêmico.

Para isso, segundo a Profa. Dra. Selma Machado Simão, coordenadora da graduação, o curso busca preparar o estudante para o desempenho de diversas linguagens expressivas no campo das Artes Visuais, oferecendo também fundamentação teórica e prática para a formação docente e para o desenvolvimento de projetos culturais e educacionais.

A base curricular é composta por um núcleo comum, que abrange linguagens como desenho, pintura, escultura, gravura, cerâmica, fotografia, modelagem e novos meios.

A isso, se somam as disciplinas eletivas, que permitem ao estudante aprofundar áreas de interesse específicas, desenvolvendo sua poética pessoal e ampliando a experimentação técnica e conceitual. Para a coordenadora, o curso privilegia metodologias que incentivam a autonomia e o protagonismo do estudante.

As aulas práticas, além de espaços de aprendizagem técnica, permitem a experimentação, reflexão e construção autoral.

“A dedicação dos professores está voltada à exploração do potencial transformador da área de Artes Visuais, à formação da consciência crítica e ao enriquecimento dos projetos dos estudantes”, afirma Selma. Por meio destes projetos, muitos discentes participam de editais e conquistam bolsas de estudo promovidas por agências de fomento. Além das aulas, são promovidas atividades que complementam a formação, como saraus, seminários, rodas de conversa, exposições e projetos de extensão. Os estudantes participam de eventos institucionais, como o Festival do Instituto de Artes (FEIA), e integram programas interdisciplinares, como o Ciência & Artes nas Férias (CAF) e o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), em que vivenciam práticas educativas em escolas públicas.

No caso da opção pela Licenciatura, Selma conta que **“o curso oferece 400 horas de estágio dirigido à formação docente do aluno, realizando estágios em escolas, Organizações da Sociedade Civil (OSC), museus e instituições culturais”,** explica.

VALORIZAÇÃO DAS CULTURAS TRADICIONAIS

Outro ponto de destaque é a valorização de culturas tradicionais e decoloniais. **“Algumas disciplinas tiveram seus programas atualizados e tratam sobre estes temas, como é o caso da disciplina de História da Arte III, e das disciplinas de Pedagogia e Didática em Artes Visuais I e II e Estágio Pedagógico I e II. Também foram criadas duas disciplinas eletivas especiais de extensão: Gravura Indígena e Tópicos Especiais – Desenho Animado, pensando na formação dos estudantes indígenas, sendo que elas são abertas a todos os estudantes do Instituto”,** diz.

No último ano, os estudantes realizam o Projeto Experimental em Artes Visuais, equivalente ao Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). Essa etapa pode assumir três linhas de investigação: práxis artística, teoria da arte ou arte-educação.

Foto: João Megale/IA/Unicamp

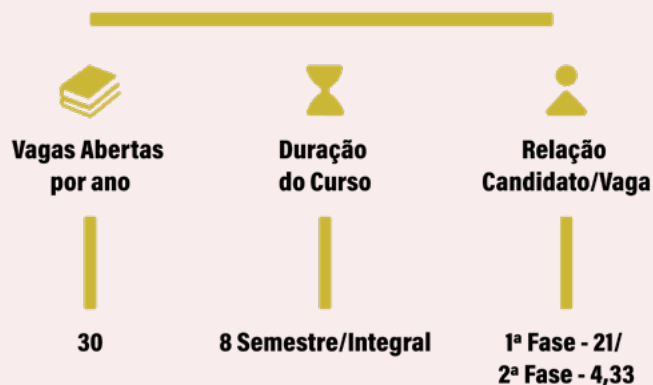


Profa. Dra. Selma Machado Simão: curso atende a um perfil amplo de alunos, com foco na formação de artistas, pesquisadores e professores

“Os estudantes participam de duas exposições, nas quais apresentam produções artísticas e culturais”, diz Selma, lembrando que alguns trabalhos podem ganhar projeção externa.

Exemplos recentes são o filme de animação *Gatos da Lua*, da aluna Thamires Yumie Utiyama Kaneko, que foi premiado no London Global Film Awards; e a estudante Mariana da Silva Perissinotto, que foi aceita no ateliê do pintor norueguês Odd Nerdrum, um dos mais importantes nomes vivos da pintura, sendo a primeira brasileira a conquistar essa oportunidade.

ARTES VISUAIS



Dança: foco na diversidade e na extensão

Em constante diálogo com as transformações vividas nas artes, na educação e na sociedade, o curso de Dança do Instituto de Artes da Unicamp vive uma fase de renovação, materializada pela recente reforma de seu Projeto Pedagógico do Curso (PPC), que entrou em vigor em 2023. O foco é a ampliação da interação com a comunidade externa, além da valorização de saberes afrodiaspóricos e da construção de um currículo mais atento às novas tecnologias e à diversidade da cultura brasileira.

Curso é uma das graduações em Dança mais tradicionais do Brasil

Foto: Alvaro Bernardi/IA/Unicamp

“A extensão virou uma parte muito mais presente no curso do que era antes”, afirma a Profa. Dra. Juliana Moraes, coordenadora da graduação. A obrigatoriedade da curricularização da extensão, prevista para todos os cursos de graduação da universidade para os ingressantes a partir de 2023, chegou à faculdade de Dança como oportunidade para intensificar práticas que já vinham sendo realizadas. Hoje, 10% da carga horária está voltada a ações de extensão curricularizada.

“Nesse primeiro momento, realizamos muitas atividades de extensão ligadas ao Ensino Fundamental público. Já tivemos alunos que foram dançar nas escolas e grupos que vieram assistir aos nossos espetáculos. Em uma das disciplinas, as Profas. Dras. Ana Terra e Marisa Lambert trabalharam com 37 professores da rede pública, levando metodologias para trabalhar dança com alunos dos Ensinos Fundamental e Médio”, explica.

SETE NÚCLEOS DE APRENDIZAGEM

O currículo é estruturado em sete núcleos de aprendizagem que transitam entre técnicas corporais (clássica, moderna,

Foto: cedida



Profa. Dra. Juliana Moraes destaca as atividades de extensão e a atualização do PPC da Dança

diferentes linguagens contemporâneas), cultura brasileira, criação coreográfica, fundamentos da educação, história da dança, anatomia, produção cênica e experiências pedagógicas na escola. A proposta é formar um professor-artista com repertório técnico e reflexivo, capaz de ensinar dança respeitando as diversidades de corpo e de cultura e com subsídios para exercitar a criatividade.

Essa estrutura se fortalece com o ingresso crescente de estudantes vindos de escolas públicas ou que

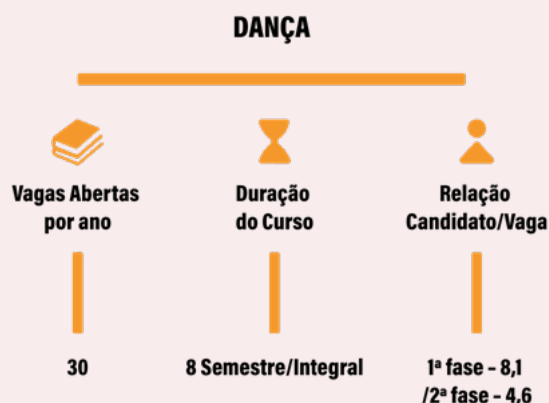
ingressam por meio de políticas de inclusão.

“A maior parte dos nossos estudantes veio da escola pública”, aponta Juliana. A diversidade de trajetórias e culturas, por sinal, impulsionou mudanças na grade curricular do curso. Uma das principais frentes foi a inclusão de saberes afrocentrados e de linguagens corporais ligadas à cultura negra. **“Tivemos a recente contratação da professora Luciane Silva, uma referência dessa área no Brasil”,** explica.

O curso também tem se voltado ao uso da tecnologia na dança e conta com uma disciplina dedicada (Ateliê de Criação Dança e Novas Tecnologias), além de realizar anualmente o Festival Internacional de Dança, Vídeo & Tecnologia da Unicamp (FIDA). Tanto a disciplina quanto o festival são coordenados pelo Prof. Dr. Diogo Angeli, também contratado recentemente. Em 2025, o evento recebeu 301 peças de 61 países e ainda teve uma edição internacional na Colorado Springs University, nos EUA.

LICENCIATURA MOLDA ENSINO DA DANÇA NO BRASIL

Vale destacar que o curso de Dança da Unicamp, que em 2025 completa 40 anos de fundação, é um dos mais tradicionais do país e referência no ensino superior na área. Tanto que em 2002, havia menos de dez opções de graduação em Dança no Brasil. Hoje, são mais de 40 faculdades. **“Como a Unicamp tem uma das graduações em Dança mais antigas do país, muitos dos alunos que seguiram estudos de mestrado e doutorado na universidade acabaram se tornando docentes nesses novos cursos que foram criados”,** explica.



Midialogia, projeto feito para acompanhar as revoluções na Comunicação

Foto: Murillo Balan Jaime/IA/Unicamp



Curso prepara profissionais para atuar em diferentes segmentos da Comunicação audiovisual

Fotografia, cinema, vídeo, som, internet, animação, curadoria, redes sociais, design, instalação artística, trilha sonora. O universo da comunicação audiovisual é extenso, e acompanhar esse ritmo exige muito mais do que domínio técnico. É nesse contexto que se insere a graduação em Comunicação Social – Midialogia, um curso que oferece formação crítica, humanística e interdisciplinar para quem deseja compreender — e transformar — as culturas das mídias.

Criado em 2003, o curso é inovador em sua proposta. Diferente de formações tradicionais em Comunicação, como Jornalismo ou Rádio e TV, seu foco não está em formar especialistas para áreas determinadas, mas em proporcionar ao estudante uma visão abrangente e reflexiva sobre as mídias e suas linguagens. **“O curso prepara o estudante tanto em termos técnicos quanto em termos de criticidade, de despertar um olhar sensível”**, explica a Profa. Dra. Denise Carvalho dos Santos Rodrigues, coordenadora da graduação. **“Não é uma formação restrita a um único setor, mas que permite ao profissional atuar em diferentes campos, como produção audiovisual, curadoria artística, cinema, redes sociais, trilha sonora e animação, por exemplo.”**

TEORIA E PRÁTICA EM CONSTANTE DIÁLOGO

Assim como as demais graduações disponíveis no IA, Midialogia busca romper com a divisão clássica entre teoria e prática.

Em vez de separar esses campos, o curso propõe a integração entre “**saber-pensar**”, “**saber-fazer**”, “**saber-ser**” e “**saber-estar**”, em uma formação que convida o aluno a refletir criticamente sobre as mídias ao mesmo tempo em que as vivencia na prática. O currículo é estruturado em torno de quatro grandes áreas: formação humanística e tecnológica, formação estética, projetos práticos e formação profissional orientada. Essa organização permite ao estudante circular por diferentes linguagens e tecnologias, mas sempre com base em uma sólida formação conceitual e com fundamentação teórica robusta.

FORMAÇÃO CRÍTICA E INSERÇÃO NO MUNDO DO TRABALHO

A graduação também estimula a autonomia dos estudantes na construção de suas trajetórias. O curso não impõe um ‘**perfil profissional fechado**’, mas oferece um ambiente propício para a experimentação e o desenvolvimento de projetos interdisciplinares.

Como resultado, os egressos têm atuado nas mais diversas frentes profissionais e funções dentro do setor audiovisual. Denise reforça ainda que uma das características do curso é a flexibilidade com que ele lida com as reformas pedagógicas, até mesmo por tratar de um tema que está em rápida transformação nos últimos anos, especialmente por conta das revoluções tecnológicas. **“A graduação de autoavalia constantemente e busca estratégias para se adaptar aos novos contextos. É um desafio constante, mas é um processo muito bonito, o de buscar a reinvenção para acompanhar as mudanças que têm ocorrido atualmente.”**

MIDIALOGIA

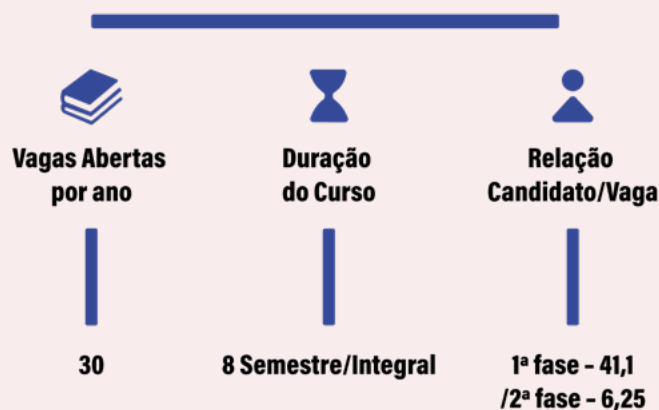


Foto: Luis Massao/IA/Unicamp

PROFA. DRA. DENISE RODRIGUES REFORÇA VISÃO CRÍTICA E OLHAR SENSÍVEL NA FORMAÇÃO DOS ALUNOS



Música tem um curso moderno e com olhar atento ao perfil de seus alunos

Nas últimas duas décadas, o curso de graduação em Música da Unicamp promoveu uma grande transformação em seu perfil de estudantes. Se, até o ano de 2000, pouco mais de 30% dos alunos eram oriundos do ensino público, esse número hoje está próximo da metade dos graduandos. Além disso, há cerca de 20 anos, menos de 10% dos estudantes tinham renda per capita menor que um salário-mínimo e meio. Hoje, quase a metade se enquadra nessa faixa de renda. **“Foi uma mudança rápida de perfil e que vem moldando o Projeto Pedagógico do Curso (PPC)”**, diz o Prof. Dr. Vinícius Fraga, coordenador da graduação em Música.

O aperfeiçoamento constante, por sinal, é uma marca da graduação, que passou por uma série de reformas pedagógicas desde

sua criação na década de 1970. Formulada inicialmente como um curso de música erudita, pouco a pouco, introduziu estudos sobre música popular, até que, em 1989, tornou-se a primeira faculdade de música do país a oferecer uma formação na área. Com o novo perfil de estrato social dos alunos, consolidado nas décadas 2000 a 2020, e a política institucional da Unicamp de se criar uma universidade inclusiva, o curso hoje conta com um PPC moderno e conectado ao perfil dos discentes e da própria sociedade.

Atualmente, o curso de Música possibilita formação nas áreas de Composição, Instrumento (violino, viola, violoncelo, contrabaixo, flauta, trompete, trombone, percussão, piano, violão ou voz), Licenciatura, Música Popular, Regência Plena e Regência Coral.

Foto: Álvaro Bernardi/IA/Unicamp



Prof. Dr. Vinícius Fraga destaca a mudança de perfil dos alunos nas últimas duas décadas

Independentemente da habilitação escolhida, os estudantes passam por uma sólida formação comum nos primeiros semestres, que envolve disciplinas teóricas, práticas coletivas, percepção e análise musical. A partir do segundo ano, há uma diversificação curricular que respeita as especificidades de cada área.

Nessa fase do curso, conforme Fraga, os

alunos podem exercer maior poder de escolha nas disciplinas que serão cursadas, já que, dependendo da formação escolhida, de 30% a 40% das matérias são eletivas.

“Essa foi uma das grandes modificações na estrutura do curso na última reforma do PPC atual, que está em vigor desde o primeiro semestre de 2025”, explica o coordenador. “Nós partimos do princípio de que os alunos vão escolher as disciplinas mais importantes para eles, tanto do ponto de vista profissional quanto de interesse”, completa.

Apesar de se mostrar satisfeito com a atual proposta, o docente avalia que as novas gerações de estudantes e a própria velocidade com que a sociedade vem se transformando nos últimos anos farão com que o curso siga em constante reformulação.

“Há muitas coisas acontecendo na área da tecnologia e que vêm, de uma certa maneira, moldando as relações e o ensino. Nós usamos todos os mecanismos para entregar ao nosso discente a melhor orientação possível para o ambiente profissional dele, mas é um processo de diálogo e atualização constante”, avalia.

Oferecido em período integral, com duração de 8 e 10 semestres, a graduação em Música busca estimular nos alunos o pensamento crítico e humanístico no processo de desenvolvimento de habilidades musicais, pedagógicas e profissionais.

Dessa maneira, espera-se que os profissionais formados possam atuar em diferentes contextos, articulando conteúdos teóricos, práticos e pedagógicos, com a pesquisa como princípio formativo e de aprendizagem. A formação visa não apenas a excelência técnica individual, mas uma compreensão mais ampla do fazer musical, incluindo estudos sobre áudio, acústica e tecnologias sonoras.

Para ingressar na graduação, é necessário se submeter à Prova de Habilidades Específicas e ao vestibular da Unicamp. **A partir de 2025, será possível também utilizar a nota do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem).**

MÚSICA

Vagas Abertas por ano	Duração do Curso	Relação Candidato/Vaga
Composição - 5	10 Semestre /Integral	1ª Fase - 10,0/ 2ª Fase - 3,6
Erudita Instrumentos - 28	8 Semestre /Integral	N/D
Licenciatura - 14	8 Semestre /Integral	1ª Fase - 3,9/ 2ª Fase - 1,67
Popular Instrumentos - 15	8 Semestre /Integral	N/D
Regência - 3	10 Semestre /Integral	1ª Fase - 0,7/ 2ª Fase - 0

Internacionalização de servidores na prática



Foto: Cedida

FABIANA TITO (AO CENTRO) COM
FUNCIONÁRIOS DA TAI ESCUELA
UNIVERSITARIA DE ARTES, DE MADRI

Na última década, em todas as versões do Planejamento Estratégico (Planes) da Unicamp, a universidade tem reforçado a importância de internacionalizar tanto as atividades fim quanto meio da entidade. E, nesse contexto, por meio de diversos programas e de oportunidades gerenciadas pela Diretoria Executiva de Relações Internacionais (Deri), a instituição tem estimulado que docentes, discentes e funcionários busquem uma experiência internacional.

Em 2024, Fabiana Tito, supervisora da Coordenadoria de Graduação do Instituto de Artes (IA), visitou a Espanha por 15 dias, onde pôde vivenciar a rotina da secretaria de graduação da TAI Escuela Universitaria de Artes.

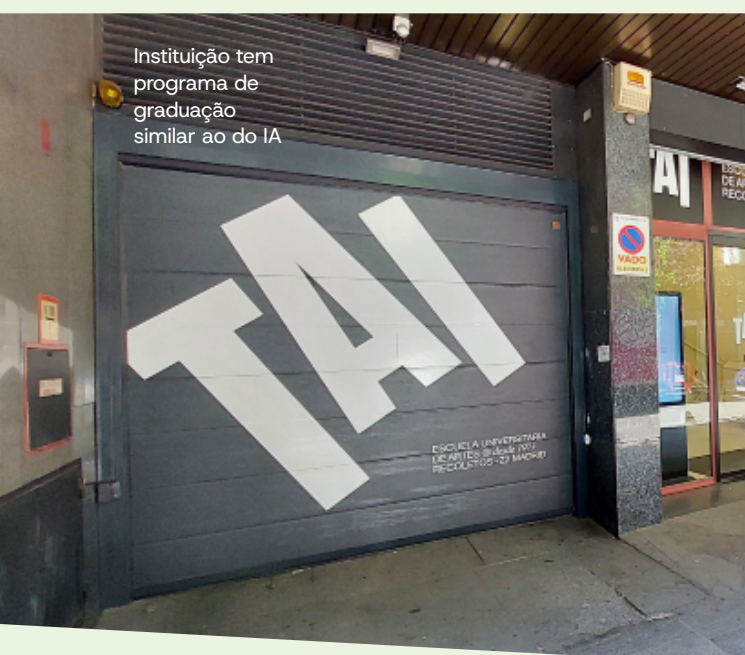
Para a servidora, os processos ocorrem de forma similar ao que acontece no IA. Além disso, muitas das questões que podem ser consideradas gargalos da área, como a relação e a comunicação com diferentes gerações de pessoas, especialmente docentes e alunos, e suas particularidades, são comuns nas duas instituições. **“Mesmo a milhares de quilômetros de distância, percebi que os problemas de comunicação e relacionamento eram os mesmos”**, diz.

Nas conversas com a equipe da TAI, ela revela que encontrou no respeito aos planejamentos de longo prazo da instituição uma boa-prática que poderia aperfeiçoar os processos de diversas instituições brasileiras. **“Foi interessante ver, no dia a dia, como a mentalidade de longo prazo ajuda na gestão. Os problemas podem continuar a surgir, mas, com um planejamento consistente, é possível trabalhar com mais tranquilidade e mais eficiência”**, afirma.

Fotos: cedida



Fabiana participou de rotinas administrativas e de evento para aspirantes a alunos



MOBILIDADE SEM COMPLICAÇÃO

A Diretoria Executiva de Relações Internacionais (Deri) abre editais periódicos para que toda a comunidade da Unicamp possa se candidatar a viver uma experiência internacional. Veja algumas dicas que fizeram a diferença, na experiência de Fabiana Tito, supervisora da Coordenadoria de Graduação do Instituto de Artes (IA) e contemplada no edital 36/2023:

1. ESCOLHA COM SEU OBJETIVO E NECESSIDADES EM MENTE

A primeira dica é procurar instituições conveniadas à Unicamp que tenham alguma interface com sua área de atuação. Use os filtros por área no site da DERI e pense em como a experiência pode dialogar com seu trabalho.

2. ATENTE-SE À CARTA DE ACEITE

Um dos requisitos mais desafiadores é obter uma carta de aceite de uma universidade estrangeira. Fabiana lembra que o prazo é curto e algumas instituições demoram para responder. A dica é pesquisar na lista de instituições conveniadas da Unicamp e enviar e-mails objetivos, inclusive com propostas de datas. A servidora enviou mais de 40 mensagens — e obteve retorno positivo de mais de dez instituições.

3. ELABORE UM PLANO DE ATIVIDADES CONSISTENTE

Descreva quais setores pretende conhecer, como sua experiência será aproveitada em sua unidade de origem e por que escolheu aquela instituição. Mostre que a visita trará impactos concretos e alinhamento com os objetivos da Unicamp.

4. AVALIE CUSTOS E LOGÍSTICA

A bolsa tem valor fixo, que cobre passagem, hospedagem, seguro e alimentação. Fabiana destaca: **“É preciso pesquisar bem e considerar o câmbio, pois destinos como a Europa exigem planejamento extra”**.

5. NÃO SE INTIMIDE COM O IDIOMA

Apesar de estudar idiomas e falar espanhol, Fabiana ressalta que não é preciso dominar a língua como um nativo, já que o acolhimento dos profissionais pode ajudar a superar as barreiras linguísticas. **“Fui muito bem acolhida. O importante é se comunicar”**, conta Fabiana.

Projeto de doutorado em Artes da Cena vence prêmio de Direitos Humanos



A tese de doutorado em Artes da Cena, *Bora militar junto? A cena digital como campo de guerrilha*, de Luciana Mizutani, foi uma das vencedoras da edição 2024 do Prêmio de Reconhecimento Acadêmico em Direitos Humanos, promovido pela Unicamp em parceria com o Instituto Vladimir Herzog. O projeto, orientado pelo Prof. Dr. Renato Ferracini, analisou o uso das redes sociais como uma forma de resistência artística em um contexto de radicalização política.

Segundo a pesquisadora, a ideia nasceu no período em que o ex-presidente Jair Bolsonaro havia acabado de ser eleito (2019) e o país enfrentava um momento de grande divisão política. Sua ideia, na época, era estudar os movimentos de radicalização artística como forma de protesto político contra regimes autoritários. **“Mas veio a pandemia e tive de adaptar a pesquisa para uma forma de estudo da militância digital”**, explica Luciana.

Luciana Mizutani,
autora da pesquisa

Foto: cedida

O formato escolhido para o desenvolvimento da tese foi a produção de vídeos e materiais gráficos com análises e comentários sobre os discursos da extrema direita. De acordo com Luciana, a falta de padrão das mensagens foi uma das características identificadas. **“Eles trocam de discurso a todo momento. São radicais e estão sempre apontando os responsáveis por todos os males da existência, mas há lugares de ataque que se mantêm, como os direitos humanos e a democracia”**, diz.

Outro ponto bastante usado pela extrema direita e que foi incorporado como um dos objetos da pesquisa foi o que ela chama de **“craqueamento do sistema”**. **“Isso significa usar um sistema e uma estrutura que já existem e subvertê-los. Esse exercício da subversão foi algo que me interessou e que eu tentei replicar ao buscar uma forma de quebrar a barreira do algoritmo das redes sociais”**, explica. Por meio dessa estratégia, ela conseguiu com que algumas publicações ultrapassassem a marca das centenas de milhares de visualizações.

Com o fim da pesquisa, Luciana manteve os canais ativos nas redes sociais, mas diminuiu o ritmo de postagens que fez com que ela ganhasse popularidade na internet. Além da alta demanda para criar e abastecer os perfis com conteúdo, a radicalização política a levou a tomar diversos cuidados com a privacidade.

“Uma das ações adotadas pela extrema direita é o doxing (vazamento de informações pessoais de terceiros na internet). Por isso, passei a usar contas separadas para a pesquisa, parei de postar fotos com amigos e nunca publicava minha localização no momento dos posts. Mas a pesquisa é algo que precisava ser feito”, conta.



A FALTA DE PADRÃO DAS MENSAGENS FOI UMA DAS CARACTERÍSTICAS IDENTIFICADAS. **“ELES TROCAM DE DISCURSO A TODO MOMENTO, MAS HÁ LUGARES DE ATAQUE QUE SE MANTÊM, COMO OS DIREITOS HUMANOS E A DEMOCRACIA”**, DIZ A PESQUISADORA.



Rafael Pagatini, em evento realizado na Unicamp

Tese de aluno do IA recebe menção honrosa no Prêmio Capes 2024

A tese de doutorado defendida no Instituto de Artes, *A Transmissão das Memórias da Ditadura Militar Brasileira na Pesquisa Artística Contemporânea: A Construção de Imagens Críticas Através de Evidências Históricas*, de Rafael Pagatini, com orientação da Profa. Dra. Luise Weiss, recebeu a Menção Honrosa da 19ª edição do Prêmio Capes de Tese, um dos mais importantes reconhecimentos acadêmicos para os alunos de pós-graduação no Brasil.

A obra, segundo Pagatini, busca analisar os reflexos da ditadura na sociedade e na vida brasileira e começou a ser formulada em 2013. Na época, ele, que é gaúcho, de Caxias do Sul, havia se mudado para Vitória (ES), para lecionar na Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes).

Para efeito de contextualização, ele lembra que 2013 foi um ano emblemático para a política brasileira, com uma grande movimentação social que culminou nas Jornadas de Junho,

quando inúmeros manifestantes foram às ruas de todo o Brasil protestar, em um primeiro momento, contra o aumento dos preços nas passagens de transporte público, pleiteando, em seguida, demandas nas áreas da educação, política, segurança e saúde.

No estado capixaba, além do conturbado momento social, ele encontrou um cenário de valorização do período da ditadura militar no Brasil (1964–1985). **“Eu buscava entender a realidade local e as razões de certas reverberações autoritárias. Há um grande saudosismo dos tempos da ditadura no Espírito Santo, tanto que se costuma chamá-la de a ‘época dos grandes projetos’ no estado”,** diz ele, lembrando que a população se mostra orgulhosa das companhias de mineração da região e do Porto de Tubarão, que foram inaugurados no período entre 1960 e 1980.

Nesse contexto histórico e social, Pagatini decidiu aprofundar a investigação sobre o período e a forma como o governo ditatorial organizava sua comunicação.

Ele cita como exemplo a dissimulação do caráter militar do regime, como o fato de a maioria dos presidentes da época aparecerem nas fotos da galeria oficial dos presidentes da república de terno e gravata. **“Isso me chamou muita atenção, porque, para o militar, a farda é sempre um instrumento de orgulho e um símbolo de poder. Mas nas fotos eles queriam se passar por civis”** conta, afirmando que a ideia era passar a imagem de que os ditadores eram profissionais técnicos e preparados para liderar o país. Com base em pesquisas, que envolveram áreas como direito, política e história, ele decidiu criar cinco trabalhos elaborados por meio de processos gráficos.

PARA O PESQUISADOR, A DITADURA TENTOU MANIPULAR A REALIDADE ATRAVÉS DA FALSA IDEIA DE UM CRESCIMENTO ECONÔMICO QUE FOI BASEADO NO CRESCIMENTO DA DÍVIDA DO PAÍS

Utilizando procedimentos de gravura, edição de imagens, arquivos e materialidades, Pagatini buscou desafiar a narrativa de progresso e a normalidade institucional propagada durante e após o regime. **“A ditadura tentou manipular a nossa percepção da realidade através da falsa ideia de crescimento econômico. E sabemos que, na verdade, esse crescimento não é o que realmente tentaram nos apresentar. É algo que gerou dívidas ao longo das décadas”,** afirma.

A pesquisa trabalhou a decodificação de elementos culturais e valores promovidos pela ditadura e propôs um método de construção do conhecimento ancorado no pensamento artístico resultante, segundo ele, da ausência de transmissão intergeracional sobre os relatos do período. **“Essa geração (de pessoas nascidas e criadas no período da ditadura) viveu o silêncio, a ausência do relato. Então, o que existia era o medo das instituições.”** A tese está disponível no Repositório de Produção Científica e Intelectual da Unicamp e algumas das obras que constam em suas pesquisas podem ser encontradas em sua página oficial (www.rafaelpagatini.com).



Dissertação em Multimeios vence prêmio de melhor mestrado da Socine

A dissertação *Cinema negro brasileiro: das identidades às fabulações*, de Natasha Roberta dos Santos Rodrigues (com orientação do Prof. Dr. Gilberto Alexandre Sobrinho), foi eleita a melhor produção de mestrado do Prêmio Socine de Teses, Dissertações e Trabalhos de Conclusão de Mestrado e Doutorado – 2024. O prêmio é promovido pela Sociedade Brasileira de Estudos de Cinema e Audiovisual (Socine).

A dissertação de Natasha analisa o ambiente do cinema brasileiro ao longo do século 20 e em parte do século 21 e a maneira com que profissionais negros do setor audiovisual nacional, como atores, produtores e cineastas, conquistaram espaço nas obras produzidas no país, quebraram estereótipos, conquistaram posições e criaram um discurso identitário que reconfigurou a luta por novas representações no cinema e no direito à autorrepresentação.

A portrait of Natasha Roberta dos Santos Rodrigues, a Black woman with voluminous, curly dark hair, smiling warmly at the camera. She is wearing gold hoop earrings. The background is a soft-focus green, suggesting foliage.

Natasha Roberta dos Santos Rodrigues é autora da dissertação *Cinema negro brasileiro: das identidades às fabulações*

“O chamado cinema negro brasileiro deixa de ser um acontecimento inédito para se tornar um campo vasto e crescente, onde se observam expressões plurais de negritude e disputas internas por visibilidade e reconhecimento”, afirma ela em seu trabalho.

Na dissertação, Natasha destaca que, nos últimos anos, produções de cineastas negros têm ganhado espaço em premiações, como *Marte Um* (2022, Gabriel Martins), eleito pela Associação Brasileira de Críticos de Cinema (Abraccine) como melhor filme brasileiro de 2022, além de ter sido indicado pela Academia Brasileira de Cinema como o representante brasileiro para concorrer ao Oscar de Melhor Filme Internacional de 2023, e *Noites Alienígenas* (2023, Sérgio de Carvalho), vencedor de seis prêmios no 50º Festival de Gramado – prêmios de Melhor Filme, Melhor Filme pelo Júri da Crítica, Melhor Ator (Gabriel Knox), Melhor Atriz Coadjuvante

(Joana Gatis), Melhor Ator Coadjuvante (Chico Diaz) e Menção Honrosa ao ator Adanilo. Apesar do reconhecimento, ela destaca que a participação de negros ainda é minoritária nas obras nacionais. Em seu trabalho, ela apresenta um estudo do Grupo de Estudos Multidisciplinar da Ação Afirmativa (GEEMA), que mostra as informações de raça e de gênero em cargos de direção, roteiro e atuação na produção audiovisual de grande público entre 1970 e 2016.

**APENAS 2% DOS FILMES DE FICÇÃO
COM MAIS DE 500 MIL ESPECTADORES
FORAM ROTEIRIZADOS E DIRIGIDOS POR
NEGROS, COM APENAS UMA MULHER
NEGRA ENTRE ESSES PROFISSIONAIS**

Dos filmes de ficção que alcançaram público acima de 500 mil espectadores, 2% foram roteirizados por homens negros e somente uma mulher negra foi identificada, Julciléa Telles, que dividiu com Roberto Machado o roteiro do filme *A Gostosa da Gafieira* (1981).

Em relação à participação na direção, a participação de homens negros também somou 2%, enquanto nenhuma mulher foi identificada neste cargo. Somam-se a esses números os dados publicados pela Agência Nacional de Cinema (Ancine) sobre diversidade de gênero e raça nos longas-metragens lançados em 2016, no qual se observou que, dos 142 filmes lançados (97 ficções, 44 documentários e 1 animação), apenas 2,1% foram dirigidos por homens negros, enquanto nenhuma mulher negra assinou a direção de longa-metragem naquele ano.

A dissertação *Cinema negro brasileiro: das identidades às fabulações* está disponível no Repositório de Produção Científica e Intelectual da Unicamp.



Crédito: Cedida

Pós-Graduação em Artes da Cena: excelência, inovação e impacto social

Profa. Dra. Maria
Claudia Alves
Guimarães



Foto: Luis Massao/IA/Unicamp

Com nota 6 na avaliação da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), sendo 7 a nota máxima, o Programa de Pós-Graduação em Artes da Cena (PPGADC) do Instituto de Artes da Unicamp se destaca como uma das referências no Brasil em pesquisa artística e acadêmica em teatro, dança e performance. Reconhecido por sua produção consistente e pela articulação entre teoria e prática, o programa tem formado docentes, pesquisadores e artistas que atuam em todo o território nacional e no exterior.

A Profa. Dra. Maria Claudia Alves Guimarães, que esteve à frente do PPGADC entre 2021 e 2024, afirma que uma das conquistas do período foi justamente a intensa internacionalização do programa. **“Tivemos alunos que foram para outros países pela CAPES PrInt, por bolsas da FAPESP (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo), pela Diretoria Executiva de Relações Internacionais (DERI), pela AUIP e por iniciativa própria. Também temos professores realizando pós-doutorado no exterior, publicando em periódicos estrangeiros, organizando eventos internacionais e desenvolvendo projetos com universidades da Europa, dos EUA, da América Latina, do Caribe, da Ásia e da África”,** conta.

Para ela, a forte inserção global, com diversas parcerias acadêmicas, amplia as possibilidades de formação e pesquisa.

Além disso, o programa promove pesquisas socialmente engajadas, que dialogam com



Prof. Dra. Larissa
de Oliveira Neves
Catalão

Foto: João Megale/IA/Unicamp

questões como ancestralidade, diversidade étnico-racial, periferia, deficiência e decolonialidade. “Acho que são questões que estão muito latentes nas artes. Já orientei trabalhos voltados à dança na periferia, projetos sociais, manifestações populares. Esses temas aparecem tanto na pós-graduação quanto na iniciação científica”, relata Maria Claudia.

ARTE COMO PESQUISA E INOVAÇÃO

A atual coordenadora do programa, a Profa. Dra. Larissa de Oliveira Neves Catalão, destaca a singularidade da área de artes e do PPGADC ao unir produção artística e reflexão crítica. **“Temos muitas produções de conhecimento que envolvem a criação de espetáculos, cenas, metodologias de trabalho, de atuação nas três grandes áreas das artes da presença: teatro, dança e performance.”**

Essas criações artísticas integram as dissertações e teses, fortalecendo o caráter inovador do programa:

“Os nossos professores desenvolvem uma multiplicidade de linguagens cênicas que são bastante irradiadoras desse conhecimento artístico.” Além disso, como uma das metas de sua gestão, Larissa reforça o compromisso com a pluralidade de vozes e linguagens.

“Nossa meta é ampliar cada vez mais as ações afirmativas, seja pela presença de pessoas de diferentes etnias, formas de pensar, de amar ou pelas diversas linguagens cênicas — orientais, ocidentais, latinas, afrodiaspóricas.”

ESTRUTURA ACADÊMICA E LINHAS DE PESQUISA

O PPGADC está estruturado em quatro linhas de pesquisa: Poéticas e Linguagens da Cena; Técnicas e Processos de Formação do Artista da Cena; Arte e Contexto e Pedagogias das Artes da Cena. Esta última foi criada recentemente para aprofundar os estudos pedagógicos que já vinham sendo realizados no âmbito do programa, especialmente no campo da Licenciatura em Dança. Vale destacar que o programa tem investido em interdisciplinaridade e renovação constante no corpo docente.

EVENTOS E INTEGRAÇÃO

Dois grandes eventos organizados por discentes e docentes do PPGADC mobilizam a comunidade acadêmica e ampliam a visibilidade das pesquisas em andamento: o Seminário Mário Santana, de caráter interno, promove o intercâmbio entre projetos de mestrado, doutorado e pós-doutorado, com mesas temáticas, rodas de conversa e fóruns. **“O objetivo é compartilhar o que está acontecendo nas diversas áreas do programa de pós-graduação em artes da cena”**, afirma Larissa.

E o Simpósio Internacional “Repensando Mitos Contemporâneos”, com próxima edição prevista para março de 2026 e que reúne pesquisadores do Brasil e do exterior em debates de alto nível.

PPGAV equilibra linhas de reflexão teórica e práticas artísticas



Prof. Dr. Cesar Baio

Como em boa parte dos Programas de Pós-Graduação (PPG) do Instituto de Artes, o de Artes Visuais (PPGAV) visa trabalhar de forma harmônica tanto as linhas de pesquisa relacionadas às reflexões crítica e teórica quanto aquelas direcionadas à prática no contexto da produção artística contemporânea. Atualmente, são duas linhas de pesquisa: Poéticas Visuais e Processos de Criação (PVPC) e História, Teoria e Crítica (HTC).

Para os pesquisadores artistas da linha PVPC, o programa exige, para a conclusão dos estudos, a redação de um trabalho que articule os conceitos envolvidos no fazer artístico. Já para os pesquisadores da linha de pesquisa HTC, solicita-se uma reflexão crítica que leve em consideração a materialidade e a historicidade de seu objeto de pesquisa. Ou seja, em quaisquer das linhas de pesquisa escolhidas, há equilíbrio pedagógico, artístico e científico.

“O programa considera as relações entre a arte e suas diversas modalidades na dimensão contemporânea do espaço e do tempo, acolhendo pesquisas que vão do campo teórico ao desenvolvimento de diferentes processos de criação, em áreas como as poéticas visuais bidimensionais e tridimensionais, os estudos nos campos ampliados da tridimensionalidade e suas relações com o espaço e o corpo, as ações coletivas, a arquitetura e a cidade, o campo das teorias da imagem, a história, a crítica e a teoria da arte”, explica o coordenador do PPGAV, Prof. Dr. Cesar Baio.

Dessa forma, o programa se propõe, por um lado, a formar profissionais qualificados para exercer a docência no ensino universitário e pesquisadores, e por outro, incentivar a criação artística e o exercício profissional nas perspectivas da produção artística e da reflexão teórica e crítica no âmbito da visualidade e da cultura contemporâneas.

Sobre os temas abordados, Baio destaca, além de estudos ligados a tecnologias digitais, aqueles voltados ao contexto sociopolítico.

“Também têm ganhado destaque os estudos voltados à memória, à história e à política, com investigações sobre a ditadura militar brasileira, a descontextualização de monumentos urbanos, o ativismo LGBTQIA+ e as marcas deixadas pelos espaços habitados na paisagem urbana e na subjetividade.

Outro eixo importante envolve a performance, a subjetividade e as questões de identidade, evidenciado pelo uso das práticas artísticas como métodos para discussões autobiográficas. Destacam-se projetos sobre as práticas artísticas afro-brasileiras centradas no corpo e na ancestralidade.

No campo das poéticas materiais, as investigações têm se voltado à experimentação com suportes e temporalidades não convencionais. Temas ligados ao gênero, aos feminismos e às dissidências também ocupam espaço relevante nas pesquisas recentes, com estudos sobre intervenções artísticas de mulheres e dissidências sexuais e de gênero no espaço público latino-americano e sobre a inserção de artistas mulheres nas vanguardas da Pop Art no Cone Sul.

Por fim, destacam-se os estudos críticos voltados às teorias estéticas, incluindo análises da arquitetura, das relações entre estética, neurociência e filosofia, bem como investigações poéticas que abordam o tempo e os processos de criação a partir da experiência ateliê-artista.

Essas temáticas revelam um programa sensível às transformações do presente, comprometido com a arte como prática de pensamento e com a produção de conhecimento crítico e situado.”

PROGRAMA EXIGE PROFICIÊNCIA EM LÍNGUA ESTRANGEIRA

Vale lembrar que o PPGAV exige domínio de, pelo menos, uma língua estrangeira para o mestrado e duas para o doutorado, sendo aceitos os seguintes idiomas: inglês, francês, italiano, espanhol ou alemão. São aceitos certificados emitidos pelo Centro de Ensino de Línguas da Unicamp (CEL-Unicamp) e pelas universidades públicas estaduais e federais.

Foto: Luis Massao/IA/Unicamp



Pesquisadores do PPGAV realizam exposição anual na GAIA



Prof. Dr. Gilberto
Alexandre Sobrinho

Foto: João Megale/IA/Unicamp

PPGMM: diversidade de temas com perspectivas de internacionalização

Com pouco menos de 80 pós-graduandos em 2024, o Programa de Pós-Graduação em Multimeios (PPGMM) se destaca pela diversidade de temas pesquisados por seus matriculados. **“Os estudos de cinema ainda são dominantes nas pesquisas realizadas, mas a variedade de abordagens e assuntos tratados dentro dessa linha é enorme. É um programa muito atualizado e que está buscando respostas para as questões do cenário contemporâneo”**, afirma o coordenador do

PPGMM, o Prof. Dr. Gilberto Alexandre Sobrinho. O docente revela que há desde pesquisas voltadas a gêneros narrativos específicos, como o filme-ensaio (que combina elementos do ensaio literário com a linguagem visual do cinema), até questões de mercado, como produção, legislação e regulação. **“Temos observado ainda o fortalecimento de temas como redes sociais, fotografia, estudos de gênero, sexualidade, imigração, cinema negro, indígena e queer — todos alinhados a debates urgentes da contemporaneidade”**, comenta.

Ele também destaca a tradição do programa em pesquisa sobre o documentário, que sempre foi muito forte, e que continua a gerar publicações de referência no Brasil e no exterior. Atualmente o PPGMM oferece uma única linha de pesquisa: História, estética, práticas e processos midiáticos do cinema e do audiovisual. Ela explora o cinema e o audiovisual, e suas relações com a sociedade, a cultura e a comunicação. A fotografia também é investigada, bem como são explorados os novos cenários tecnológicos e as transformações sociais. De forma crescente, pesquisas vêm se debruçando sobre temas como desinformação, discursos de ódio, racismo e diversidade nas redes sociais. **“O campo do audiovisual está diretamente atravessado por essas dinâmicas e nossos pesquisadores buscam compreender e propor formas críticas de intervenção”**, afirma o coordenador.

Outro ponto de destaque é a capacidade de internacionalização do programa. Além de convênio com instituições como a British Academy, o PPGMM, a exemplo dos demais programas de pós-graduação do Instituto de Artes, permite a realização de doutorado-sanduíche, no qual o discente realiza parte do seu doutorado em uma instituição de ensino no exterior, enquanto mantém vínculo com sua universidade de origem, e a cotutela, que permite ao aluno obter simultaneamente títulos de mestrado ou doutorado de duas instituições que estabeleçam um acordo de dupla titulação.

Sobrinho reforça ainda que há uma série de programas de apoio e convênio para aqueles que desejam ter uma experiência internacional em sua trajetória acadêmica. **“Há diversas possibilidades de desenvolver as pesquisas em um contexto internacional, seja com recursos do Governo Federal, bolsa CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) ou FAPESP (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo). E temos relações com instituições de vários países, em diferentes continentes. É um programa que tem uma perspectiva da internacionalização bastante relevante”**, completa.

PROGRAMA TEM DIVERSOS PROJETOS INTERDISCIPLINARES EM AÇÕES QUE COMBINAM AUDIOVISUAL, ECOLOGIA E MOVIMENTOS SOCIAIS

A interdisciplinaridade também marca o PPGMM. **“Temos projetos em parceria com programas de Artes Cênicas, Ciências Ambientais e até com a Faculdade de Engenharia Agrícola da Unicamp, em ações que combinam audiovisual, ecologia e movimentos sociais”**, finaliza o coordenador.

Seminário do
PPGMM

Foto: Roberto Giglio/IA/Unicamp



Maior PPG do IA, Música tem mais de 200 pesquisadores ativos



Prof. Dr. Adonhiran
Bernard de
Almeida Reis

Foto: Álvaro Bernardi/IA/Unicamp

Atualmente o Programa de Pós-Graduação em Música (PPGM) da Unicamp é o maior em número de docentes do Instituto de Artes, com 37 orientadores. Para efeito de contextualização, isso o coloca como o sétimo maior da Unicamp nas áreas de Artes e Humanas de toda a universidade. **“É um programa grande, com mais de 200 pesquisadores ativos”**, afirma o Prof. Dr. Adonhiran Bernard de Almeida Reis, coordenador do PPGM.

O PPGM estrutura-se em três linhas principais de pesquisa: Estudos instrumentais e Performance musical; Música, Cultura e Sociedade; e Música, Linguagem e Sonologia. **“Na primeira, além da pesquisa teórica, os alunos precisam apresentar recitais práticos no fim do curso”**, detalha o coordenador.

“NÃO CONSIDERO A APROVAÇÃO DIFÍCIL SE O PROJETO FOR SÓLIDO E ALINHADO COM AS PESQUISAS QUE VÊM SENDO REALIZADAS NO IA. UM BOM PROJETO E A LEITURA ATENTA DO EDITAL SÃO O PRIMEIRO PASSO PARA O INGRESSO”

A linha de Musicologia, Cultura e Sociedade é marcada por sua ênfase histórica e cultural, incluindo uma forte presença da música popular – lembrando que a Unicamp é a primeira universidade do país a oferecer uma graduação na área.

"Temos muitos pesquisadores trabalhando com música popular, incluindo jazz, música brasileira e outras linguagens, atraindo alunos já com carreiras estabelecidas que buscam especialização", afirma. Já a linha Música, Linguagem e Sonologia está voltada à criação musical, com ou sem o uso de tecnologias.

Para Reis, as linhas de pesquisa atendem a um perfil diversificado de pesquisadores e isso acaba colocando o PPGM como referência não só no Brasil, como de outros países. **"Nosso programa atrai estudantes de diferentes partes do Brasil e do exterior, como Colômbia, Peru e Itália"**, destaca.

Reconhecido pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) com nota 6 (sendo a máxima 7), o PPGM faz parte do Programa de Excelência Acadêmica (PROEX), focado em internacionalização e intercâmbio.

"Temos parcerias ativas com universidades no Reino Unido, Espanha, Portugal e Argentina, possibilitando doutorados em cotutela e intercâmbios de alunos e professores", explica. Mesmo já reconhecido fora do país, o coordenador ressalta que o programa deve continuar aumentando a internacionalização nos próximos anos. **"A internacionalização é uma prioridade em nosso planejamento estratégico"**, afirma, lembrando que o PPGM tem buscado estabelecer convênios com universidades estrangeiras, além de estar aberto a receber pesquisadores de outros países.

O ingresso no programa é anual, por meio de processo seletivo que inclui avaliação de projetos, entrevistas e, para performance, provas práticas presenciais. **"Não considero a aprovação difícil se o projeto for sólido e alinhado com as pesquisas que vêm sendo realizadas no IA. Um bom projeto e a leitura atenta do edital são o primeiro passo para o ingresso"**, encoraja o docente.

Foto: João Megale/IA/Unicamp

1º Simpósio de Pesquisa em Música da Unicamp, realizado em 2024

IARTE

REVISTA DO INSTITUTO DE ARTES

